

A História de Craswerdh Vendreserwqw

Os corredores do imenso palácio real estavam em polvorosa. Serviçais e parentes andavam de um lado para o outro com passos apressados, **entre** vozes sussurradas e o tilintar de talheres que escapava das salas próximas — todo o lugar parecia conter a respiração.

O rei Staad Pympenmith caminhava envolto em suas vestes reais, ricas em brocados, com uma suntuosa capa de tonalidade amarelada que arrastava levemente pelo piso opaco e rochoso. **Ele** seguia apressado ao lado do seu conselheiro mais íntimo, Jussan Petryvonvosth, trocando palavras curtas e olhares rápidos que denunciavam planos e preocupações.

Nas paredes, quadros antigos contavam a história da família real. O último e mais recente retratava o jovem príncipe Winzemurian Tentrometryo, que agora tinha três anos. Win — como o chamavam os parentes — era o herdeiro do trono do mais importante reino do planeta Argentium: Tapra Asnaad.

Agora, entretanto, toda a casa real e a corte aguardavam ansiosas o nascimento do segundo filho do casal, como se o próprio palácio seguisse um compasso marcado por aquela espera.

A pintura que representava o nascimento do herdeiro mais antigo era feita em cores vivas, de um tom metalizado com textura: as pinceladas pareciam ondular conforme a luz incidia sobre elas, como se a imagem se movesse. Na tela, a rainha Dellessia Qyperit repousava numa cama real de dossel alto, **com** longos tecidos amarelados caindo em plissados nobres; tinha ao colo o jovem príncipe recém-nascido, dormindo sossegadamente. Em pé ao lado da cama, o rei se erguia imponente — quase 1,90m, cabelos grossos presos para trás, a coroa de oito pontas cravada no alto da cabeça em sinal das oito cidades-estado que compunham Tapra. Seus olhos, de um vermelho profundo, miravam o filho com um amor quase físico, e Dellessia embalava o menino com gestos lentos e precisos.

A cena ocupava uma parede inteira: mais de seis metros de altura por cinco de largura, uma presença que dominava o salão como se recordasse aos visitantes o peso da linhagem.

Lá fora, a capital Asnaad esperava o anúncio com a mesma tensão: o som dos pássaros e o rumor das naves aéreas ao longe cortavam o ar, enquanto a cidade inteira prendia a respiração à espera do anúncio. Era um dia de céu limpo; a atmosfera **exibia** um tom amarelo-esverdeado que contrastava com as plantas e o solo de cores apagadas, como se até a natureza estivesse em suspense.

Então veio o choro melódico — e, por um momento, tudo silenciou no castelo.

O menino pareceu nascer com um megafone na garganta **e**, no entanto, o choro não soava estridente: tinha a cadência e a pureza do canto de um pássaro muito jovem. Quem escutou de perto, nos aposentos reais, ficou particularmente maravilhado. Sussurrava-se que uma criança argenti nascida a cantar estava destinada a grandes feitos.

Dellessia sorriu quando seu filho caçula veio ao mundo. O médico, Dr. Operiton, pegou a criança nos braços após a limpeza ritualística do jovem príncipe — um costume ligado aos primeiros reis, que eram banhados em flanelas perfumadas assim que nasciam, um

ritual com mais de duzentos anos de história. Com o bebê que acabara de abrir os olhos ao mundo nos braços, Dellessia acariciou-lhe o rosto. O choro melódico cessou sob o toque materno. A proximidade entre mãe e filho fora o bastante para acalmar o recém-nascido.

Aos poucos, o palácio sentiu que o nascimento era auspicioso.

Staad, impressionado, aguardava o chamado de sua esposa do lado de fora do quarto — porque, naquela casa, somente ela tinha autorização para permitir que outros vissem o recém-nascido, mesmo que esse fosse o próprio rei e pai. Os primeiros minutos pertenciam à mãe: o primeiro toque, a amamentação, os rituais preparatórios antes da apresentação oficial à família.

— Vamos, meu pequeno Crave, vamos nos preparar para conhecer o papai — murmurou Dellessia, já envolvendo o novato em um nome terno.

Dellessia, como todos os argenti, tinha uma constituição física mais frágil, maleável, como se um toque mais forte pudesse amassar sua pele metalizada de cor prateada; por isso o parto era um evento de extrema complexidade para as mulheres da sua espécie. Cansada, ela precisava do auxílio das serviçais tanto para levantar-se quanto para vestir-se adequadamente e para preparar o menino.

— Calma, senhora. Primeiro vamos preparar o jovem príncipe; depois a ajudaremos a vestir uma camisola limpa e adequada — disse a serviçal mais antiga da casa real, Uperya, já pronta para o que fosse necessário.

Tinha a agilidade de quem segurou outros príncipes nos braços — inclusive o próprio Staad — e, com mãos experientes, pegou o jovem Crave para o primeiro ritual de troca de roupa.

— Uperya, cuide bem dele. Nasceu tão pequeno, diferente do irmão que era maior... — a voz de Dellessia tremia; era o medo natural de uma mãe que percebe pela primeira vez o quão frágil é o filho diante de um mundo tão vasto.

— Acalme-se, minha rainha. Não é novidade para mim. Além disso, esse jovem parece delicado como um *lume*, mas será o mais forte entre nós. Seu choro cantado nos mostrou isso — respondeu Uperya com a firmeza de quem já viu muitos partos.

O *lume* era conhecido entre os argenti: um animal voador de porte médio, com envergadura de asas de aproximadamente 1,5 metro, translúcidas e brilhantes, e corpo coberto por escamas cintilantes que, apesar da aparência frágil, eram surpreendentemente resistentes. A comparação, entre as pessoas, evocava resiliência disfarçada de fragilidade.

— Ah, Uperya, como ele será lindo... já é tão especial — suspirou Dellessia, envolta no efeito dos medicamentos do Dr. Operiton, que lhe davam um ar mole e sonhador.

— Descanse, senhora. Em alguns minutos a vestiremos e chamaremos a *Puríssima Alteza Real* para ver o filho e a esposa — disse Uperya enquanto carregava o menino em mantas de cores pastéis, aconchegando-o rumo à mesa de vestimenta — um móvel de rara cor ébano, proveniente de árvores antigas do norte do reino, terra natal da rainha.

Com o cuidado de quem assistiu a doze partos, Uperya retirou as roupas simples e os panos que envolviam o bebê. Era um dia quente para tanta peça, então escolheu uma túnica mais leve, bordada com pequenos desenhos de animais, obra de mãos hábeis. Crave, bem alimentado, não sentia frio nem calor; dormia e sorria, aconchegado, sentindo-se amado — até pelos olhos negros e profundos de Uperya.

— Meu jovem príncipe vai ser um cantor com essa voz, com esse choro de pássaro — comentou ela, meio em tom de brincadeira, meio em profecia.

A cada palavra, Crave sorria, como se respondesse.

Uperya ergueu o bebê e observou a roupa: **era** maior do que imaginara, **com** pano **sobrando** nas mangas. *Ele poderia ser pequenino agora, **pensou**, mas cresceria e se tornaria um argenti de extrema beleza.*

— Vai ficar essa mesmo por enquanto; nasceu menor do que esperávamos. Depois as costureiras prepararão outras roupas. Agora, para o colo da mamãe — disse Uperya, virando-se de volta para a cama, esperando encontrar as outras serviçais em seu posto, ajudando a rainha a **se** trocar.

Mas o que viu a fez contrair os lábios, surpresa e desagrado se misturando.

Crave passou os pequeninos dedos na boca da experiente serviçal, que resmungou num gesto de insatisfação por ter sempre que chamar a atenção das meninas distraídas. Uperya fechou a face num comando silencioso.

— Vamos, meninas, o que estão aí olhando? A rainha precisa se trocar — ralhou ela. — Acham que ela vai se vestir sozinha nessas condições? Agilizem-se! Não quero ter sempre que tomar a frente!

As duas criadas, assustadas com a bronca, correram para os armários. A rainha, ainda deitada, sorriu; Uperya tinha o controle absoluto da parte doméstica. Vinda de origem camponesa, ela havia conquistado o coração do antigo rei e sabia se virar com trabalho e disciplina; era ela quem mantinha o ordenamento invisível da casa.

— Vamos, minha rainha, deixe-nos ajudá-la a levantar — disse uma das serviçais, oferecendo a mão enquanto Dellessia se esforçava para erguer-se da cama.

O parto era um esgotamento extremo para as argenti: roubava-lhes toda a energia do corpo, deformava por um tempo suas formas e demorava quase um mês até que o organismo voltasse ao normal. Era um momento em que, se não fossem bem observadas, as mulheres podiam sucumbir ao desgaste físico. Dellessia não foi diferente: levantou-se com cuidado. Pisou no chão gelado do quarto — um piso rústico de rocha que absorvia todo o calor do ambiente. Para tornar o piso mais ameno, tapetes e peles eram espalhados, mas ela gostava daquela sensação fria sob os pés, **pois a** lembrava de sua casa no norte.

— Este vestido está ótimo, meninas — comentou, enquanto uma serviçal a despia e a outra segurava a camisola.

— Não é um vestido, senhora. É uma camisola — corrigiu Uperya, embalando o jovem Crave.

— Uperya, é a mesma coisa — riu Dellessia, levantando os braços para passar as alças.
— Uma camisola é só um vestido de dormir. Que maluquice diferenciar roupas.

Seu humor simples, quase plebeu, encantava a todos.

— A senhora tem razão; complicamos coisas tão simples. Agora deite-se. Vamos colocar o pequeno Crave em seus braços — ordenou Uperya com ternura firme.

Lentamente, a rainha sentou-se, segurando o braço de uma das serviçais. Puxou as cobertas de linho branquíssimo e acomodou-se na imensa cama. Uperya aconchegou o bebê no colo de Dellessia: ele já dormia, tranquilo.

— Pode chamar o rei e o pequeno Win para conhecerem o mais novo membro da família — observava o rosto liso e prateado do filho enquanto admirava o sono inocente.

— Sim, senhora. Com licença — Uperya fez uma mensura e foi se afastando e, com voz firme, mandou as outras serviçais: — Vamos, meninas, saiam, saiam.

Antes de sair, puxou a imensa cortina das janelas, deixando a luz tênue do fim de tarde invadir o quarto. A cena ganhou uma atmosfera de tranquilidade, como um dia que se encerrava em paz solene.

No corredor do lado de fora, o rei brincava com uma bola junto ao pequeno Win. Com apenas três anos, já mostrava um temperamento rebelde e malicioso, sempre aprontando e rindo de suas próprias travessuras. Seus cabelos finos e prateados caíam desordenados sobre a testa, e a roupa simples estava marcada pelas aventuras da tarde, prova das brincadeiras que não poupavam nada nem ninguém.

— *Puríssima Alteza*, já pode entrar com o jovem príncipe — Uperya inclinou-se de forma respeitosa, evitava prolongar-se diante do rei. Abriu a porta e retirou-se com as outras duas serviçais; havia muito a fazer para preparar o jantar.

Staad entrou no quarto como quem teme perturbar um santuário. Win, ao contrário, entrou como um furacão curioso, pulando na cama como se fosse apenas mais um local de suas brincadeiras.

— Win, comporte-se! Sua mãe ainda está muito cansada — ralhou Staad, tentando soar severo e, ao mesmo tempo, suave.

— Desculpa, pai — murmurou o menino, engatinhando até espiar o irmão que dormia no colo da mãe.

— Staad e Win, este é seu irmão, Crave — Dellessia disse, ainda deitada, apenas acenando com a cabeça, a voz macia.

— Craswerdth Vendreserwqw, assim como meu pai — anunciou Staad, passando dois dedos de leve pelo rosto do filho caçula em gesto de bênção e reconhecimento.

— Mãe, ele é tão pequenininho! Será que vai conseguir brincar comigo? — Win colocou a mão no rosto, preocupado com a fragilidade do bebê.

Os pais riram da inocência do filho mais velho.

— Claro que vai, Win. Ele acabou de nascer; vai crescer como você. Aí vocês poderão brincar juntos — com movimentos suaves Staad, ajoelhou-se ao lado da cama, observando ambos os filhos e a esposa amada.

— Você será, a partir de agora, o guardião de seu irmão, Win. Vai protegê-lo e guardá-lo daqui em diante — a voz Dellessia era tranquila e melodiosa enquanto olhava fixamente nos olhos do filho mais velho. Nela, havia a certeza de que Crave não teria irmão melhor ao seu lado.

Win ficou sério. Colocou a mão direita na testa e a esquerda no peito. — Prometo solenemente por **Aurithia**.

Aurithia — a deusa da religião monoteísta seguida pela maior parte dos habitantes do planeta — é tanto mãe quanto guerreira e governante. É descrita como a personificação da aurora, **traz** esperança e renovação, mas também pode ser implacável em sua justiça, tal como uma luz que tanto nutre quanto castiga.

Os pais, satisfeitos, sorriram. Os quatro, reunidos em felicidade plena, sentiram juntos as últimas luzes do sol que se escondiam por trás das montanhas ao leste, selando aquele dia com uma paz quase sagrada.

— Está nervoso? — Win estava sentado preguiçosamente na cama do irmão enquanto ele se vestia, sem parar de se olhar no espelho.

O quarto já era uma bagunça: roupas espalhadas por todos os lados, e Crave, apenas de cueca, ia e vinha sem conseguir decidir o que vestir. Seria seu primeiro dia como cadete da Força Aérea de Tapra. Uma boa apresentação contaria pontos. Mesmo sendo o filho mais novo do rei, não teria qualquer tipo de regalia — pelo menos era o que seu irmão mais velho sempre dizia.

— Quando entrei, fui pego de surpresa no banho. Eu não estava atento, claro, senão isso jamais teria acontecido. Levaram todas as minhas roupas. Tive que sair nu pelo quartel e ir até meu quarto. Nem toalha deixaram. — Win rolava de um lado para o outro na cama, abraçado a um travesseiro, como se o colchão do irmão fosse um gramado confortável.

Parado ao lado da cama, com meia dúzia de roupas nas mãos, Crave estagnou diante da história. — Se vão roubar minhas roupas, então por que estou há meia hora escolhendo o que vestir com você? — fez um muxoxo e jogou as peças em cima do irmão.

— Ei! Não quer dizer que vão roubar as *suas*... talvez só deixem você sem nada no meio do pátio. — O rosto maroto do irmão se abriu em risada diante do espanto de Crave.

— Pelado? No meio do pátio? Olha pra mim, Win! Não sou tão bonito e forte quanto você. Vai ser um vexame — **lamentou, sentando-se** na cama, preocupado.

Crave tinha vergonha da própria aparência magra e esguia, tão diferente do irmão, dono de um corpo torneado de músculos. Win deu um salto até a frente do espelho e começou a se admirar. — Realmente... um corpo como o meu, nu pelo pátio, faria o maior sucesso — contraiu os bíceps e sorriu, satisfeito.

Crave deu um tapa na bunda do irmão exibido. — Para com isso! Você está me deixando nervoso com essas histórias. Se ao menos mamãe estivesse aqui...

Win percebeu a real insegurança do caçula. Sentou-se ao lado dele, passou o braço por seus ombros e beijou-lhe a cabeça com carinho. — Crave, calma. Eu só estava brincando. Ninguém vai fazer nada, você é o filho do rei. **Mas** seria bem diferente se mamãe estivesse aqui... para nós dois. Também sinto falta dela.

A tristeza entre os irmãos era palpável, mas ambos tinham prometido seguir em frente.

— Vamos lá, vista essa aqui. — Win enfiou a mão no emaranhado de roupas e puxou uma calça e uma camisa de cor neutra. — Deve servir, afinal, nem vai precisar muito disso.

— Lá vem você de novo com essa história... — Crave revirou os olhos, pegou a roupa e se olhou no espelho. Sempre se achava ridículo refletido ali. Vestiu-se rapidamente, ajeitou o cabelo curto e arrepiado. Por um instante, na superfície do vidro, viu a imagem da mãe segurando seus ombros, como se ainda estivesse ali para lhe dar confiança.

— Vamos, coloque os sapatos. Eu vou te levar até o quartel. Suas roupas vão depois. — A voz de Win quebrou a ilusão, e a figura materna se desfez, restando apenas os dois irmãos.

— Vamos, sim.

Percorrendo os corredores do castelo em direção à saída, onde o veículo de Win estava estacionado, Crave sentiu o cheiro característico do almoço vindo da cozinha. Queria se despedir de Uperya, a governanta que fora sua babá durante tantos anos — agora já uma senhora curvada pela idade, mas cheia de energia.

— Te encontro lá fora. Vou me despedir de Uperya — correu, desvencilhando-se do irmão e **seguindo** para a cozinha.

O cheiro da comida o levava de volta à infância, quando se divertia naquele espaço que, além de lar, também fora prisão. Os príncipes nunca tiveram autorização para sair do castelo, situado ao sul da capital, próximo ao rio. Toda a família real vivia cercada de cuidados, reflexo do medo herdado das antigas guerras entre cidades-estado, na época em que seu avô ainda era criança. Desde então, a segurança da realeza era redobrada.

Viver entre muros e jardins era sufocante, sobretudo para Crave. Sendo o mais novo, sentia-se mais isolado. Não havia outras crianças no castelo, e seu irmão, já crescido, preferia aventuras diferentes das dele. Restava-lhe a companhia de adultos e suas brincadeiras solitárias, cheias de imaginação. A cozinha era um desses refúgios.

Ao entrar, encontrou doze serviçais ocupados com panelas, facas e pratos. O calor do fogo se misturava aos aromas de temperos, carnes e legumes. No centro, como sempre, Uperya coordenava tudo, a cozinheira-chefe que não tolerava ninguém tocando em suas panelas — exceto Crave. Para ele, aquelas panelas foram brinquedos: capacetes, volantes improvisados em corridas pelo gramado.

“Crave!! Crave!! Traga minha panela de volta, rapaizinho!”, Uperya gritava da porta, ao vê-lo correndo com um de seus tesouros reluzindo nas mãos. Era como se a escutasse novamente.

— Príncipe Crave? Precisa de alguma coisa? — Uma das criadas notou o rapaz parado na entrada, perdido em lembranças.

— Não, nada. Uperya... vim me despedir. — Seguiu até o imenso fogão, onde seis panelas borbulhavam ao mesmo tempo.

Uperya virou-se. Com o pano no ombro e o avental que trazia escrito “Não mexa nas minhas panelas”, abraçou o príncipe, agora mais alto que ela. — Meu querido Crave... como o tempo passou rápido. Já tem 16 anos e vai para o exército... — enxugou uma lágrima, emocionada, pois sempre vira os meninos como filhos.

— Exército não, Up — o apelido carinhoso saiu natural. — Aeronáutica! Vou ser piloto. Quem sabe até viajar para o espaço nos foguetes!

— Pela aurora de **Aurithia**, se fôssemos feitos para voar, já nasceríamos com asas — resmungou Uperya, que odiava voar.

— Vou levar uma lembrança sua comigo. — Crave beijou-lhe o rosto ternamente, enquanto sua mão, sorrateira, alcançava a travessa de bolinhos.

— Ah! Espera só... roubando meus bolinhos e ainda se aproveitando do meu coração mole! — **repreendeu, dando-lhe** um tapa leve no bumbum.

Crave saiu rindo, de boca cheia. — Amo você, Up! Até a volta, meninas! — correu para fora com outro bolinho na mão.

— Ele vai ficar ainda mais lindo de uniforme de piloto... — suspirou uma criada mais nova, apenas dois anos mais velha que o príncipe.

— Vai sim... e você vai ficar com cheiro de celouba se não terminar de cortar logo essa salada! — ralhou Uperya, referindo-se ao tempero típico de Asnaad, de cheiro parecido com hortelã e sabor marcante.

Crave respirou fundo, terminou de mastigar o bolinho e saiu pelo corredor do castelo, sentindo o ar fresco bater no rosto. Lá fora, o veículo cheio de incrementos e veneno do irmão estava estacionado, pronto para a partida. Win conversava animadamente com um jardineiro recém-chegado, rapaz de sua idade, corpo bem-feito, cabelos curtos e, sem camisa, exibindo-se. De longe, Crave percebeu o interesse do irmão e pensou em não atrapalhar. Mas tinha que partir.

— Vocês vão ter tempo de conversar depois — aproximando-se de maneira discreta e com olhar matreiro.

Win, pego de surpresa, despediu-se do rapaz. O jovem, sem jeito por ter sido encontrado em momento íntimo com o futuro rei, fez uma reverência a Crave e sumiu pelos arbustos.

— Ele é muito bonito — comentou Crave, entrando no carro e ajeitando o cinto.

Win abriu um sorriso de orelha a orelha. — Só estávamos conversando.

— Ah, claro. Você sempre começa com uma conversa. Mas abre o olho: o castelo está cheio de fofoqueiros atrás de favores. Se papai ficar sabendo que anda correndo atrás de jardineiros sem camisa, vai ser uma briga daquelas.

Win ligou os motores, mas optou por não acionar o sistema de voo: gostava de dirigir pelas estradas. — É, eu sei... mas não resisti. Além do mais, papai não pode mais me controlar. Já sou adulto e dono da minha vida.

Com um sorriso travesso, passou a marcha e pisou fundo no acelerador, fazendo o carro derrapar sobre o chão rochoso. A poeira levantou-se em nuvens enquanto ele inclinava levemente o volante, dominando o veículo com confiança, como se desafiando qualquer regra que tentasse prendê-lo.

Crave recostou no banco. — É, não pode... pelas leis do reino. Mas ainda é nosso pai, e você conhece o temperamento dele. Lembra quando expulsou nosso primo?

— Como esquecer? Coitado do Reperty, não fez nada demais. Foram só uns beijinhos.

Quando tinha a idade de Crave, Win fora flagrado beijando o primo na sala de música pelo secretário do rei. Levados ao pai, ouviram-lhe a bronca: a realeza deveria se proteger. Win assumiu a culpa, mas o rei Staad expulsou o jovem mesmo após os pedidos de desculpas.

— Não quero saber de você se esfregando com rapazes. Você precisa de uma esposa. Um homem não vai lhe dar filhos para seguir nossa linhagem. Se quer se divertir, que seja em segredo! — Staad rugiu.

A mãe, como sempre, tentara apaziguar: — Acalme-se, Staad. São coisas de jovens.

— Jovens ou não, ele precisa de disciplina. Está na hora de matriculá-lo em uma academia militar — retrucou Staad, a voz firme, como se isso resolvesse qualquer preocupação sobre o futuro da família.

Win, ao lembrar, ria. — Mal sabia ele que lá eu ia me esfregar em todos os rapazes possíveis. — Olhou para Crave, que ficou com a pele opaca de vergonha.

— Se não fosse mamãe, ele teria te colocado em coisa pior — disse Crave, fitando a cidade que se aproximava, cheia de prédios, lojas e veículos voadores.

Win riu, jogando o cabelo para trás e dando um sorriso malicioso. — Sempre tão certinho, hein, caçula? Me conta uma coisa... ainda é virgem? — A pergunta saiu com aquele tom provocador, e Crave arregalou os olhos, surpreso com a ousadia do irmão.

— Seu curioso fofoqueiro! Parece as velhas da corte! — ajeitou-se, desconfortável.

Win arregalou os olhos, boquiaberto. — Sério? Não se interessou ainda?

— Sim, sou. Não tem nada de errado comigo, tá tudo funcionando. Só que ainda não encontrei alguém com quem me conectasse.

— “Alguém com quem se conectasse”? Ah, por favor, Crave! Ninguém está falando em casamento. Estou falando de sexo! Aproveitar a vida, sentir, gozar... não precisa de conexão. Só prazer! — exclamou, virando bruscamente numa avenida da capital, cheia de fachadas, árvores e flores levadas pelo vento.

— Win! Não vou transar com ninguém sem sentir algo. Não sou você. E, além do mais, quem vai querer uma minhoca magricela como eu? — fechou a cara, cumprimentando distraído um pedestre que o reconheceu.

Win caiu na gargalhada. — Minhoca magricela! Faz tempo que não ouvia isso. Você é lindo do seu jeito, irmão! E ainda tem algo aí que chamaria atenção de qualquer rapaz ou moça.

Crave sentiu o olhar safado do irmão sobre o volume de sua calça e levou as mãos imediatamente às partes íntimas. — Vamos parar com essa conversa. Na hora certa, vai acontecer. Não quero apressar nada.

— Quem sabe na base aérea... — provocou Win.

— Cala a boca, pervertido! — Crave riu, apesar da vergonha.

Seguiram juntos, ouvindo alegremente a banda preferida dos dois, *Nuvora e os Ecos*, com seu rock alternativo. Conforme se aproximavam da base aérea de Asnaad, a música foi dando lugar ao silêncio tenso do trajeto, e Crave começou a notar cada detalhe ao redor.

A fachada do QG das Forças Armadas de Asnaad impressionava à primeira vista. Sua estrutura moderna, revestida de plemino — um metal tão fino e transparente que parecia vidro, mas resistente a ataques diretos — evocava majestade e força. O design remetia às montanhas que circundam a capital, mas, para Crave, aquela fachada transmitia uma tristeza profunda.

Três anos antes, aquele fora o palco de seu último contato verdadeiro com toda a família reunida. O veículo oficial da realeza, um carro voador azul reluzente, com estofamento confortável e interior espaçoso, transportava não apenas o jovem Win em direção à vida militar, mas também o rei, a rainha e o próprio Crave. Ele lembrava-se bem daquele dia nublado, com vento constante, que dava à tarde uma aura melancólica.

— Não fique triste, irmãozinho. Vou ficar apenas dois anos fora. Quando eu voltar, você nem vai me reconhecer — Win tentava manter o otimismo, apesar de não estar completamente satisfeito com a mudança. Ficar longe do pai, que constantemente o ameaçava e chamava sua atenção, era um alívio.

— Você era a única pessoa perto de mim... — Crave, quase chorando, esforçava-se para não olhar ao redor, sobretudo para o pai.

— Dois anos passam rápido, meu filho. Seu irmão vai aprender tanto e depois te contará tudo. Além do mais, vocês poderão manter contato — a mãe acariciava seus cabelos com delicadeza tentando consolá-lo.

Staad observava os três em silêncio. Farto da petulância do filho mais velho e da sensibilidade constante de Crave, e incomodado com o excesso de zelo da esposa, pensava: “*Como vão governar um mundo cheio de disputas se só sabem pensar em si mesmos?*” Ainda assim, permaneceu calado.

O veículo, conduzido pelo motorista real, parou no hangar principal do QG, que abrigava, além da Aeronáutica, o escritório do Exército. A comitiva real desceu, e o vento forte os atingiu, bagunçando cabelos e roupas. O Comandante-Chefe das Forças Armadas, pessoalmente, recebeu-os e os conduziu à sua sala.

— Não quero me demorar, Comandante Supention — disse o rei, sempre atarefado. — Viemos apenas deixar o Príncipe Winzemurian para iniciar seu treinamento militar.

Crave ficava impressionado com a frieza do pai, observando cada gesto atentamente, consciente de que, um dia, aquele também seria seu destino. Um nó se formava em seu estômago só de pensar que não teria mais o irmão por perto.

— Sim, *Puríssima Alteza*. Vamos cuidar bem do príncipe — o comandante colocou a mão no ombro de Win com respeito.

Win abraçou a mãe e o irmão, que chorava abertamente agora. — Ei, não chora — disse, enxugando as lágrimas de Crave. — Vou ficar bem. Prometo te mandar notícias. Sou seu guardião, lembra? — posicionou a mão direita na testa e a esquerda no peito, como havia feito quando ele nasceu.

A mãe sorriu, tocada pelo amor entre os filhos. Até Staad sentiu orgulho do primogênito, embora não demonstrasse.

— Até mais, meu pai. — Win não se aproximou do rei.

— Comporte-se, Win. Você é o príncipe herdeiro... e cuide-se. — Staad raramente demonstrava afeto na frente de terceiros, e essa foi uma das poucas vezes, mesmo que distante.

O ajudante de ordens foi chamado pelo comandante e conduziu Win aos alojamentos dos cadetes, que seriam levados à base do Exército, a cerca de 300 km dali. Ali permaneceria por dois anos, aprendendo e treinando, segundo as palavras do pai, para “tornar-se um cidadão útil para seu país.”

O restante da família retornou ao carro rumo ao palácio. — Vamos para casa, Efesyrios. Não vamos parar em lugar nenhum.

Efesyrios ajustou rapidamente os controles do volante, inclinando o carro suavemente enquanto acelerava pelos corredores aéreos. Os carros de segurança da família partiram logo em seguida. Enquanto o veículo voava, Crave observava a fachada do QG pela janela, refletindo sobre a vida do irmão. Não teve chance de prever o que viria a seguir.

Um carro voador desgovernado invadiu o espaço aéreo da comitiva e colidiu com a lateral do veículo real. O impacto lançou o carro oficial ao chão, capotando várias vezes. Enquanto isso, o carro desgovernado caiu na pista de pouso do QG, explodindo ao colidir.

As equipes de segurança correram imediatamente para socorrer os ocupantes do carro real, enquanto bombeiros e equipes de resgate tratavam de apagar o incêndio e conter os destroços do veículo que causou o acidente, o motorista não havia sobrevivido.

O rei foi retirado dos destroços com múltiplos ferimentos e levado por uma ambulância em disparada. Retirar a rainha, que instintivamente protegia Crave, foi mais difícil. Crave estava debaixo dela, com pequenas escoriações. O motorista Efesyrios morreu no impacto. Quando cortaram a lataria, a rainha Dellessia dava seus últimos suspiros. Ferimentos internos múltiplos haviam ceifado sua vida. Crave, desmaiado, foi levado ao hospital onde ficou em observação. Win acompanhava tudo pelas janelas do QG, impotente.

Dias de tumulto se seguiram. O reino vivia **em** apreensão: a morte da rainha confirmada, o rei em cirurgia entre a vida e a morte, e Win e Crave em constante oração e choro,

consolando-se mutuamente, apesar da constante presença de parentes tanto por parte de pai **quanto de** mãe. Pessoas distantes, primos, tios e tias que olhavam furtivamente para um trono que poderia ficar vazio.

A cirurgia foi um sucesso e o rei sobreviveu, mas jamais voltaria a andar normalmente, sem auxílio. O ferimento na coluna comprometeu sua mobilidade, e a recuperação seria lenta.

A partida de Win para a base foi protelada. O reino mergulhou em uma tristeza intensa, mas, para Crave e seu irmão, a dor era ainda mais profunda. Enquanto o pai permanecia internado, o governo ficou nas mãos do herdeiro e dos assessores reais. Win não tinha tempo para refletir; diferente de Crave, que sentia cada instante do silêncio que tomava conta do castelo.

O jardim, lugar favorito da rainha, parecia solitário. Crave parou diante do banco onde ela costumava sentar-se para ler. Uma mulher polida e de grande inteligência, sempre com um livro em mãos. O vazio daquele banco fez as lágrimas brotarem em seus olhos.

Sentiu então uma mão em seu ombro. Era leve, com o perfume de especiarias. Up estava ao seu lado, acompanhada de Win. Os três olhavam para o mesmo banco.

Win não resistiu: agarrou-se ao ombro do irmão, chorando. Pela primeira vez, deixava escapar toda a tristeza guardada em seu coração. Crave, tocado pela dor do irmão, o abraçou com carinho.

Os três se sentaram juntos no banco, voltados para o céu verde-amarelado de Argentium. Ventava muito, e as nuvens altas corriam rápidas, espessas. Up permanecia em silêncio, apenas presente. Cada um deles, olhando para aquela imensidão, recordava a rainha à sua maneira — pequenas lembranças, fragmentos de uma vida que jamais seria a mesma.

Os preparativos para o sepultamento couberam aos filhos. O pai, embora livre do risco de morte, seguia internado. A rainha seria enterrada no mausoléu da família, mas, antes disso, o povo desejava se despedir. Abriram os jardins que ela tanto amava para visitação. Multidões vieram, em filas intermináveis, trazendo flores, preces e condolências enviadas de várias cidades e governantes.

Após dez horas de despedidas, o corpo foi levado ao definitivo sono. Ali repousaria para sempre a rainha — mãe e esposa inesquecível.

Cinco semanas depois, o rei recebeu alta. Junto aos filhos, visitou o túmulo e ali, em silêncio, fez sua última despedida. Os filhos o viram chorar copiosamente. Daquele dia em diante, nunca mais foi o mesmo.

Os três, abraçados, ficaram à beira do mausoléu de rocha esculpida com a forma serena de Dellessia, como se dormisse eternamente. Crave lembrava-se do toque frio da pedra, que emanava apenas a tristeza de um tempo que havia terminado.

— Você vai ficar comigo, Win — disse Crave, com olhos vermelhos de tanto chorar, tentando manter a dignidade de príncipe, mas falhando ao olhar para o pai na cadeira de rodas.

— Não, meu irmãozinho. Tenho que continuar meu treinamento, como um dia você também terá. Nesse dia, estarei ao seu lado. — Win sentia a dor da perda tanto quanto todos ali.

— Eu entendo — disse, abraçando o irmão com todas as forças, como se fosse a última vez que o veria.

Despediu-se e se separaram. Era a hora de seguir adiante.

Três anos se passaram desde aquele dia terrível. O silêncio da cidade e a fachada do prédio ainda traziam à mente o estrondo dos veículos e o caos que se seguiu. Nunca descobriram quem era o motorista responsável pelo acidente; de seu corpo restou apenas uma poça irreconhecível.

— Você está bem? — Win percebeu que o irmão se perdia em memórias ao observar a fachada.

— Sim... É que não gosto desse lugar.

— Eu sei. Também não gosto, mas tudo começa aqui — disse, segurando a mão de Crave e, como se o arrastasse, entrando pela porta principal.

— Tenente Win, bem-vindo de volta! — disse o porteiro com um sorriso largo, como se falasse a um amigo antigo. Ao longo do corredor, a saudação se repetia a cada rosto que reconhecia: todos pareciam pessoalmente próximos dele, e a familiaridade não diminuía a reverência.

— Todo mundo te conhece aqui? — Crave olhou admirado para cada funcionário que acenava ou cumprimentava animadamente o irmão.

— Claro! — Win riu, dando um leve tapa na nuca do irmão. — Sou o mais bonito que já apareceu! Sou o herdeiro, é óbvio que todos me conhecem... e a você também!

— Verdade... Acho que fiquei tanto tempo preso no castelo, com professores particulares, que nunca parei para imaginar isso — Crave, raramente participava de eventos públicos, protegido pelo pai agora paranoico.

— Bom, aqui vou me despedir de você mais uma vez. Daqui a dois anos estarei na porta te esperando para voltarmos para casa e assumirmos responsabilidades reais — Win fez uma careta.

O abraço foi apertado e carinhoso. — Até a volta, meu irmão. Obrigado por sempre estar ao meu lado.

— Se cuida... — Win não esperou para ver Crave desaparecer entre outros cadetes, mas permaneceu ali até a hora em que o avião partiu para a base da Aeronáutica, na fronteira com o reino de Tinium.

E lá se ia um ano em treinamento. Muita coisa tinha mudado para Crave. Agora estava mais forte, com músculos delineados, o queixo mais acentuado, pois deixava a adolescência para trás. Os exercícios regulares moldavam seu corpo com precisão. O

mesmo acontecia com seus colegas cadetes, mas todos comentavam sobre a beleza de Crave, que chamava atenção por sua elegância, educação e respeito.

Ser piloto não era fácil. Eram muitas etapas. Crave destacava-se por sua inteligência, precisão com a matemática e um tato incomum para a diplomacia. As palavras de seu professor ecoavam em sua memória: — *Você vai ser um ótimo embaixador, Crave. Você tem o talento e a postura de um.* — *Nada disso, professor Ovent, quero ser piloto.* — *Isso não exclui uma coisa da outra. Você pode ser piloto e embaixador.* — *Não havia pensado nisso...*

A pequena semente fora plantada, mas o amor e o fascínio pelo espaço jamais desapareceram. Todo o seu treinamento foi direcionado para isso: ser piloto. Quando surgiu a oportunidade, foi o primeiro a passar nos exames. Não era algo fácil; muitos fracassaram, mas sua determinação era tamanha que ninguém poderia superá-lo.

Na noite em que saiu o resultado, estava tão ansioso que não conseguiu dormir. A base ficava isolada em uma pequena cidade chamada Petryna. A formação de pilotos ocorria a apenas 30km do campo de lançamento das naves espaciais do reino. Tapra Asnaad era uma potência espacial, sendo o primeiro reino a chegar à lua Vilser, mais de 80 anos antes. Desenvolvia agora naves tripuladas que exploravam o sistema Auri — nome que davam à sua estrela-mãe —, descobrindo planetas de desertos infinitos, vulcões poderosos, florestas verdes exóticas, gigantes gasosos repletos de luas e, o mais impressionante, uma raça alienígena.

O primeiro contato com os Uroomidas acontecera apenas 10 anos antes, através de um sinal de rádio captado entre os dois planetas. As tentativas de comunicação inicial foram frustradas pelas diferenças linguísticas, mas os cientistas trabalhavam incessantemente para reverter esse problema. Crave lembrava-se bem desse dia. O Centro de Pesquisas Espaciais era uma empresa autônoma, sem ligações diretas com o reino, mas fortemente financiada por ele.

O anúncio foi uma festa. Todo o planeta ficou impressionado quando os computadores conseguiram traduzir as primeiras palavras dos alienígenas: “Podemos fazer negócios?”

Seus olhos brilhavam diante da televisão que anunciava a descoberta. Já seu pai via apenas ganhos militares e comerciais. — Chamem os ministros! Quero investimentos rápidos no CPES. Quero fazer negócios com os estrangeiros. Essa corrida vai ser ganha por Asnaad! — ordenara, colocando toda a casa em movimento antes mesmo de o sol nascer.

Crave, porém, sonhava em conhecer aquele povo de uma estrela vizinha. Deitado no telhado da base, olhando para o céu estrelado — onde agora as naves de Tapra cruzavam rumo a novos mundos —, lembrava-se da infância: no gramado onde observava estrelas cadentes, sonhando com aventuras em “naves” improvisadas com painéis e galhos de árvore. Tudo aquilo agora poderia ser real.

Um leve rangido chamou sua atenção; parecia o som de movimentos cuidadosos sobre a cobertura metálica. Antes que pudesse se mover, uma voz feminina quase o fez cair de susto:

— Não sabia que príncipes subiam em telhados.

Virou-se e viu uma cadete sentada ali, os joelhos abraçados, iluminada apenas pela fraca luz do céu. — Desde que hora você está aí? — perguntou, tentando reconhecer o rosto entre sombras.

— Já faz um tempinho. Venho aqui ver as estrelas. Bom, parece que não sou a única. — Ela se virou, e seu rosto ficou visível à claridade da pista de pouso.

— Vellendrya... — finalmente a reconheceu. Sua maior rival ao posto de piloto. Ficara em segundo lugar na avaliação, apenas 0,5 pontos atrás dele. Uma concorrente de respeito.

Mesmo sentada ali na semiescuridão exalava imponência. Com 1,72m, os cabelos longos e prateados caíam sobre os ombros e costas, contrastando com a pele levemente mais escura. Os olhos negros, profundos, pareciam perscrutar cada pensamento de Crave. Corpo bem proporcionado, cintura fina e barriga chapada, pernas firmes e seios turgidos; até os lábios finos e leves carregavam um ar de determinação e desafio. Apesar da posição retraída, Vellendrya transmitia força e audácia a cada gesto.

— Plebeus sobem em telhados, caem de árvores e ralam os joelhos, majestade — retrucou com ironia. Ela sempre era ácida com ele em sala de aula. A disputa entre os dois era acirrada.

— Príncipes também. Não somos diferentes do nosso povo — Crave, deitando-se de novo. — Talvez apenas mais solitários.

Aquilo chamou a atenção de Vellendrya, que pensava justamente o contrário. Lentamente, levantou-se e sentou-se ao lado dele, com um movimento que misturava naturalidade e graça calculada. — Imaginei que você tivesse uma multidão de serviçais para prover tudo o que quisesse — disse, o rosto iluminado pelas luzes da pista, os traços delicados destacados, o corpo transmitindo uma sensualidade discreta, suficiente para provocar o jovem ao seu lado.

Vellendrya observava cada reação de Crave, sabendo que ele parecia tímido e contido. Seu sorriso era um convite silencioso, insinuando que, talvez, fosse o momento de quebrar a barreira entre rivalidade e desejo. Cada gesto seu exalava confiança, uma mistura de desafio e sedução, explorando a ideia de que ele poderia ser inexperiente, mesmo virgem, mas curioso — e talvez pronto para ser conquistado.

Crave, por sua vez, sentia o coração acelerar e o rosto esquentar. Não sabia se ria ou desviava o olhar; cada gesto dela parecia ensaiado para mexer com ele. A presença dela, tão próxima, o cheiro suave, a maneira como se movia — tudo despertava nele uma mistura de fascínio e nervosismo que ele não estava acostumado a sentir.

— Tinha, mas nenhum era criança da minha idade. Então eu vivia só. Meu irmão, três anos mais velho, esteve comigo nas brincadeiras por um tempo. Mas aí... você sabe. Quando viram adolescentes, só pensam em uma coisa! — sorriu, lembrando dele.

— Não sei. Não tenho irmãos. O que seria? — perguntou, deitando-se ao lado dele. O cheiro suave de seus cabelos recém-lavados fez Crave engolir seco, e ele sentiu um aperto desconcertante na região do uniforme, impossível de ignorar. Vellendrya percebeu o movimento quase imperceptível e sorriu, maliciosa.

— Ah, você sabe... — pigarreou, nervoso. — Festas, bebidas... e... — gaguejou — ...transas.

— Entendo. O senhor puríssimo príncipe não pensa nessas coisas — provocou, e o sorriso dela foi certo.

— Para de me chamar assim. Pode me chamar de Crave. E não... quer dizer... sim, penso às vezes, mas estou focado. — Mexeu-se sem jeito, os braços instintivamente se colocando sobre a região íntima, tentando proteger-se, enquanto o brilho natural de sua pele prateada diminuía, deixando-o opaco de vergonha.

Ela virou-se de lado, apoiando-se no braço, e o encarou. Crave manteve-se imóvel, fitando o céu infinito.

— Vou te dizer a verdade, Craswerdh. Acho que você pensa sim, mas tem vergonha de admitir. Talvez não tenha notado, mas é desejado por muitos aqui. Você é bonito, inteligente e tem uma empatia que poucos têm.

Crave arregalou os olhos, surpreso. Virou-se e encontrou o rosto dela perigosamente próximo. — Quem fala isso? Tá doida? — protestou, mas suas palavras perderam força quando ela o beijou de repente.

Inicialmente, ele ficou imóvel, assustado. Depois, entregou-se, enlaçando-a com cuidado em um beijo intenso.

— Acho que isso responde sua pergunta — sussurrou Vellendrya, mudando de posição e sentando-se sobre ele.

— Vellendrya, o que você está fazendo? — perguntou, com o coração disparado, as mãos trêmulas e suadas.

— Me chama de Vellen. — pediu, puxando a camiseta por cima e revelando a pele à luz. Pegou as mãos dele e as colocou sobre seu corpo, antes de voltar a beijá-lo.

Apesar do nervosismo, Crave deixou-se levar. Para ele, talvez fosse a primeira vez. Para ela, não. Com carinho e firmeza, ela o guiou. Sob a luz das estrelas, amaram-se solenemente. Era o início de um novo amor, mesmo que às escondidas.

Nos dias seguintes, encontravam-se em cantos discretos da base, trocando olhares e sorrisos furtivos. Cada risada, cada toque roubado, fazia a tensão crescer — tanto nos corredores quanto nas salas de aula. Durante o dia, mantinham a pose de rivais, mas à noite compartilhavam confidências e pequenos gestos de intimidade.

Meses depois, o namoro seguia ainda velado. Ninguém sabia, e a rivalidade entre os dois crescia. Inicialmente, para esconder os encontros, mas, aos poucos, tornou-se mais séria, disputando espaço. Estava em jogo um voo espacial: apenas um deles seria escolhido para pilotar a nave sob o comando do capitão Venmisor. Faltavam pouco mais de dois meses para o fim do período militar obrigatório.

Durante aqueles dias, cada aula parecia uma prova de resistência. Crave e Vellendrya trocavam olhares desafiadores, pequenas provocações e gestos sutis de intimidade, escondidos dos demais cadetes. A ansiedade crescia a cada simulação de voo, a cada exercício, até que o dia do anúncio finalmente chegou.

O resultado saiu. Um balde de água fria para Vellen: Crave fora o escolhido. Ela se ressentiu, fechou-se, mas não expressou nada. Apenas calou.

Naquela noite, encontraram-se novamente no telhado. O calor era intenso, e Crave estava sem camisa. Ele tentou beijá-la, mas ela se afastou. Algo estava errado.

— O que aconteceu, Vellen? Você está diferente. Está nervosa com alguma coisa? Fiz algo? — Ele estendeu a mão, tentando alcançar o ombro dela, mas parou no ar, sentindo o peso do medo de tê-la desapontado.

— Você ainda pergunta, majestade? — o tom agressivo o surpreendeu.

— Majestade?

Durante todo o dia, Vellen carregara aquele peso silencioso. Cada tarefa, cada olhar, cada conversa parecia lembrá-la de que jamais teria o título ou a posição de alguém importante. Plebeia, sem parentes de destaque, sem recursos: como poderia competir com um príncipe? O sonho de ser piloto, de provar seu valor, parecia escapar-lhe entre os dedos. E agora, ao ver o resultado da prova, tudo se condensou em uma única sensação de injustiça.

— Você é o piloto agora, enquanto eu vou ficar em terra. Tudo isso porque é filho do rei! — despejou de uma vez só, a raiva vibrando em sua voz, mas por dentro, a dor da própria insignificância falava ainda mais alto

Crave arregalou os olhos. — Ei, pode parar por aí! Eu não fui escolhido por ser filho do rei. Eu estudei, me esforcei, conquistei essa vaga.

— Ah, e eu não me esforcei?

— Não foi isso que eu disse. Nós dois nos esforçamos, mas só havia uma vaga. Você está procurando um culpado, mas não sou eu!

— Sei bem. Sua família passaria por cima de qualquer um para ter o que quer. Seu pai provavelmente comprou isso desde o início. Mesmo que eu fosse a maior gênio do planeta, nunca teria essa chance! — levantando-se irritada cruzou os braços olhando para o nada. Arrependeu-se no instante seguinte, mas as palavras já estavam ditas.

Crave ficou atônito. — Você está me culpando, me atacando, mas não fiz nada! Desde o começo você sabia que disputaríamos essa vaga. Eu te amo, Vellen. Não vamos brigar por isso. Estamos juntos há quase um ano! — sua voz soava ferida.

Ela hesitou. Seus olhos marejaram, mas manteve o rosto firme. — Não é só por isso, Crave. Você é o príncipe, o herdeiro de um império. E eu... eu sou apenas uma plebeia. Nunca vou ser aceita pela sua família, nunca vou ser digna de você. Enquanto não for alguém de verdade, alguém que possa andar ao seu lado sem ser tratada como um erro, prefiro ir embora agora.

— Vellen... não fale isso. Eu nunca te vi como “apenas uma plebeia”! — Crave avançou um passo, desesperado.

Ela desviou o olhar. — Talvez você não, mas o seu mundo sim. E eu não quero viver me sentindo menor, não quero me agarrar ao amor de um príncipe só para ser rejeitada depois.

Acho que já deu, Crave. É melhor terminarmos aqui. Foi bom enquanto durou. Talvez só aqui, nus entre as estrelas, tenhamos nos entendido. Vou embora e terminamos aqui, não me procure mais, siga seu caminho. Te desejo sorte e sucesso. — Virou-se e desceu as escadas.

Crave piscou várias vezes, confuso, sem saber como reagir. Amava-a de verdade. Com o coração partido, chorou ali sozinho, sob o olhar silencioso de uma lua gigante que nascia no horizonte.

— Tenente Craswerdth Vendreserwqw — pronunciou o comandante, erguendo o diploma na mão.

Todos os cadetes estavam reunidos; agora, todos eram tenentes formados. Alguns seguiriam a carreira militar, outros não — retornariam às suas famílias, integrando-se em diferentes trabalhos da sociedade. Crave recebeu o diploma, agradeceu ao comandante e lançou um último olhar para o local onde estava Vellen. Sabia que ela voltaria para Valoria — foi o que ouvira. Desde a conversa no telhado, nunca mais se encontraram, e ela o evitava.

Crave guardou o diploma com cuidado, observando os cadetes que ainda conversavam animadamente entre si. Pensou em Vellen e no que ela estaria fazendo agora, longe dali. Seus passos o levaram para o portão do QG, e foi então que algo chamou sua atenção: um carro conhecido estava estacionado à frente, e, embora reconhecesse o veículo, o homem dentro permanecia um mistério, escondido sob um chapéu.

— Mas que roupa esquisita é essa? — Crave balançou a cabeça divertido.

— Que braço é esse, meu jovem? Treinamento de um braço só? — Win provocou, o canto da boca curvado em um sorriso travesso, e um brilho malicioso nos olhos deixou Crave imediatamente desconcertado, sentindo-se exposto de uma forma que não sabia como reagir.

Entraram no carro e se abraçaram calorosamente. — Desculpa pela roupa. Papai colocou guarda pessoal atrás de mim e tive que me disfarçar para te buscar.

— Mas eu não tenho guarda? — Crave olhou para trás, procurando algum carro ou nave que pudesse estar sobrevoando.

— Não. Eu disse que você sairia só amanhã. — Win bateu no volante, rindo alto enquanto ligava o som na banda favorita deles e acelerava pela avenida.

— Por que você falou para o pai que eu só sairia amanhã? — Crave franziu a testa, inclinando-se para frente e diminuindo o volume do rádio, curioso e irritado ao mesmo tempo.

— Nada demais. Quis te dar um último dia de liberdade. Quem sabe quando você vai ter outra chance de sair e aproveitar a vida? Como seu irmão mais velho, tenho responsabilidades. Já está na hora de você transar! — De óculos escuros e com o mesmo sorriso maroto da infância, deixava claro que tramava alguma coisa.

Crave pensou por um instante se devia contar... até que falou de uma vez: — Eu não sou mais virgem.

A freada foi tão brusca que quase o jogou contra o painel. — Você está doido, Win! — Crave se endireitou, enquanto o irmão o encarava, atônito.

— Pode me contar essa história, rapazinho! Como assim? O que aconteceu? Com quem? Quando? Você tá me escondendo isso desde quando? — Win despejava perguntas, sem sequer lembrar que havia parado o carro no meio da avenida.

As buzinas começaram a zunir ao redor. — Vamos, Win, estamos atrasando o trânsito. Daqui a pouco vai ter oficial na nossa cola. — Crave balançou a cabeça, divertido diante da confusão do irmão.

Win ligou o carro de novo, desligou o som e insistiu: — E aí? Pode começar.

— Eu arranjei uma namorada. Uma cadete, chamada Vellendrya. Ficamos juntos por quase um ano. — A lembrança doía; o coração partido ainda pesava.

— Legal! E vocês transaram na base? Tinha lugar pra isso? E cadê ela, quero conhecê-la!... Peraí, você falou *ficamos*... não ficam mais? — entre o trânsito e a história, Win se atrapalhava; acabou até passando da rua que deveria levar ao castelo.

— Não, meu irmão. Ela terminou comigo porque achou que papai tinha comprado a vaga de piloto pra mim. A gente disputava a mesma vaga. Ela não entendeu... achou que, por eu ser príncipe, tudo viria fácil. O que não é verdade — papai jamais faria isso. — A lembrança tornou-se amarga em sua boca.

— Realmente, papai deixaria a gente se ralar todo — Win confirmou, sério. — Mas ela foi bem egoísta, né? Lamento, mano. Pela sua cara, você gostava mesmo dela.

— Eu amava, mas agora, com você falando, parece que foi mesmo o melhor. — Ainda assim, as dúvidas rondavam sua mente como pássaros distantes. — Você percebeu que errou o caminho?

— Errei não. Só estou indo por outro. Mas você não falou sobre a transa. — O sorriso safado de Win se alargou de orelha a orelha.

— Nem vou falar. Seria deselegante da minha parte. Foi intenso, gostoso e foi no telhado. É o máximo que você vai saber. — Crave olhou de soslaio; Win fez um muxoxo.

O telemóvel do carro apitou, exibindo um nome estranho: “Amor”. Win atendeu: — Fala, tá tudo pronto?

A voz do outro lado estava distante, mas Crave ainda conseguiu entender: “*Sim, pode trazer*”. Logo depois, a ligação desligou.

— Quem é “Amor”? — desconfiado, Crave começava a se perguntar o que o irmão fizera durante aqueles dois anos e o que mais poderia estar escondendo.

— Amor é amor, Crave! Agora você sabe o que é amor.

— Para onde estamos indo, Win?

— Um lugar legal. Quando chegar lá, você vai poder se divertir e esquecer essa tal de Vellin, Vallen... sei lá.

— Vellen.

Crave olhou pela janela enquanto aceleravam pelas ruas movimentadas da cidade. Árvores e prédios passavam embaçados, e a curiosidade crescia a cada curva. Dez minutos depois, o carro entrou pela garagem de uma mansão de muros altos e brancos, com várias árvores bloqueando a visão do interior.

— Que lugar é esse?

— Um lugar de diversão — anunciou Win, descendo do carro, seguido pelo irmão.

Da garagem já se ouvia a música alta vinda da área de lazer. — Uma festa, Win? Você sabe que não sou chegado a festas.

— Só dessa vez, irmão! Uma festa de despedida da nossa liberdade. Amanhã seremos príncipes, trabalhando por nossa nação. — Win pegou a mão do irmão e o puxou em direção ao centro da festa.

No meio do caminho, um encontro inesperado: Repety apareceu sem camisa, apenas de sunga e óculos escuros. Win largou a mão de Crave e correu até ele. Se beijaram e se abraçaram. A boca de Crave caiu imediatamente. Agora tudo fazia sentido — Repety era o “Amor” do telemóvel.

— Vocês estão juntos! — Crave se aproximou, surpreso. — Eu não acredito! Papai permitiu?

— Não seja absurdo, Crave. Papai jamais permitiria. Mas eu não ligo. Ainda assim é segredo — só você e a tia Lusselma sabem.

— Vocês dois não têm juízo mesmo, mas fico feliz por vocês. Muito feliz. — Abraçando o irmão e o primo, decidiu que aquele dia seria de diversão.

Vendo que Win precisava viver tudo escondido — até o amor —, Crave temeu que sua vida também acabasse assim. — Vamos nos divertir, então. — Suas palavras assustaram os dois.

Um grito de alegria explodiu, e a festa começou de verdade. Seria uma noite de celebração, bebidas, sexo e despedida. Espelhos espalhados por todos os lados refletiam o traço narcisista comum entre os argentium. A piscina estava cheia de convidados — mulheres lindas, homens igualmente atraentes, bebidas, comidas, balões, boias — tudo compunha o cenário.

Win havia preparado tudo, inclusive a sunga para o irmão. Quando Crave apareceu vestindo a peça, todos pararam. Quem lembrava do antigo príncipe magricela ficou boquiaberto com a transformação: corpo delineado, músculos firmes, peitoral e pernas torneadas. A “minhoca” frágil desaparecera; diante deles havia um novo Crave. Mas quem o conhecera antes sabia: embora o corpo tivesse mudado, a alma permanecia a mesma — sonhadora, juvenil e sensível.

A noite foi de intensa diversão, como jamais vivera. A felicidade de Win era contagiante, e Crave, feliz por estar novamente com a família, cantou, gritou e beijou até cair no sono, quando os primeiros raios de sol banhavam a cidade.

Sentado no escritório amplo e cheio de livros, Crave observava o jardim do segundo andar do castelo. As tardes naquele gramado lhe pareciam tão distantes. Ficar fechado dentro daquele escritório o dia todo, tratando de documentos, expedições, comércio e cartas, era muito diferente do que sonhava. O sol já se escondera e as primeiras estrelas brilhavam no céu. A vontade era largar tudo e ir embora — mas ir para onde?

Seu pai lhe dera uma responsabilidade: embaixador. *Aquele professor linguarudo!* — Crave lembrava-se do comentário dele sobre ele ser embaixador. Raramente via o irmão pelos corredores ou em reuniões. Já havia se passado um ano desde a festa de despedida.

O ambiente do escritório ficou mais escuro. Sentiu-se pressionado, como se as sombras se fechassem sobre ele. A roupa parecia apertada. Afrouxou o colarinho, pois o ar lhe faltava. Um desespero começou a subir pela garganta. Precisava sair dali.

Abriu a porta e saiu a passos largos. Suava frio; escurecia lá fora e ele se sentia sufocado. Passou pela cozinha rapidamente, onde Uperya preparava o jantar. Ela percebeu que algo estava errado.

— Crave, meu filho, tudo bem? — Ela se virou do fogão, vendo o jovem sair cambaleando pela porta em direção ao jardim.

Crave soltou as roupas e as lágrimas vieram em borbotões. Era uma tristeza imensa que tomava sua alma e seu corpo. Ao olhar a janela do escritório, sentiu-se esmagado. Sentou-se no chão do gramado, encolheu os joelhos, abraçou-os e chorou abertamente.

Uperya chegou mansamente, vendo seu menino encolhido ali no chão, como quando era criança e o pai ralhava com ele. Sentou-se com dificuldade — os noventa anos já pesavam em suas costas.

— Ô, meu filho, o que houve? Conte para sua Up. — Passou as mãos pelos cabelos dele, agora compridos e já chegando aos ombros.

Entre soluços e lágrimas, saíram algumas palavras: — Não era para ser assim, Up. Eu não queria nada disso. Eu queria as estrelas. Eu queria outra vida. Não sou um burocrata. Aquele escritório, cartas, papéis, entrevistas... não sou assim. Eu queria sentir uma nave nas mãos, ver o espaço. Até parece que não sou daqui. Sinto que estou no lugar errado, fazendo a coisa errada, e não posso mudar isso.

— Cada um de nós, meu filho, tem vários caminhos à frente. Cabe a nós escolhermos. Ninguém vai dizer qual caminho seguir. Você não pode ir por um só para agradar alguém. Vai seguir sozinho por ele, e, para chegar ao final contente com o que fez no trajeto, tem de saber como traçá-lo. — Up enxugou as lágrimas que tomavam o rosto do rapaz. — Não sou sua mãe. Seu pai provavelmente me repreenderia se ouvisse o que vou falar, mas vou falar assim mesmo: você deve seguir o seu caminho, e não o de seu pai. Só assim vai se sentir realmente feliz.

Abraçou-o, e os dois ficaram ali sentados, sentindo a brisa fria da noite que começava. Sonhando com uma vida diferente que ele acreditava que nunca viria.

Apesar da crise e da tristeza que persistiam, ele continuou com o trabalho de embaixador. Ao lado do pai, tinha uma viagem marcada para o reino vizinho e parceiro de Tapra: Palmor. Viajariam para Palomar, a bela e exuberante capital, mas não seria uma visita de férias. Era diplomacia: iam encontrar uma noiva para seu irmão Win.

— Pai, precisa disso mesmo? O Win poderia se casar com uma princesa do nosso reino.

— Preocupado com as consequências do casamento para o relacionamento secreto do irmão, Crave tentava, de todas as formas, mudar a cabeça do pai.

— Não. Acho que seu irmão já demorou muito para encontrar uma noiva e tudo continua igual. Ele segue se encontrando escondido com seu primo. — Abrindo a porta do veículo voador, o rei recostou-se no banco, sem olhar para o filho, como se aquilo fosse notícia velha.

Crave tentou fingir que nada sabia e fez cara de paisagem, calado. — Não me faça essa cara, Crave. Eu sei muito bem que você acoberta seu irmão. Acha que sou algum tipo de idiota? Tenho espiões e informantes em todos os cantos — e seu irmão nunca foi muito bom em ser discreto! Pode decolar. — Deu um tapinha no ombro do piloto.

Crave permaneceu calado, tenso. — A noiva já está escolhida. Vai ser um belo casamento de conveniência. Ela é milionária e herdeira do reino. Com o tempo, o pai dela vai morrer e os dois reinos, Tapra e Palmor, vão se tornar um só. O mais poderoso de Argentium. Tinium vai ficar muito para trás.

— Você está pensando apenas em ganhar vantagem e negociar a própria vida do **seu** filho — acusou Crave.

O veículo fez uma curva para o leste, seguindo em direção à capital de Palmor. — E logo você vai ser o próximo. Mas tenho um trabalho para você antes. Bom, isso se aceitar, claro. Vai que você não quer ir, já que é todo melindroso quando precisa deixar seu irmão sozinho... — O desprezo na voz do pai era como vários socos em seu estômago.

Staad não era mais o mesmo: pensava em sua própria ganância por vantagem e na paranoia intensa que não cessara desde a morte da esposa. — Vai ficar aí calado, igual a uma estátua, do meu lado?

— O que o senhor quer que eu fale? — Crave não encarava o pai; olhava apenas o encosto do banco da frente.

— Que pelo menos pergunte alguma coisa, Crave! Acabei de dizer que tenho um trabalho para você e nem perguntou o que era!

— Ah, claro... o que seria, meu pai?

— Quero que você lidere a embaixada que vai até o planeta dos Uroo fazer um acordo comercial com aquele povo rico. Você vai como embaixador oficial do reino **de** Tapra Asnaad. — O pai estava satisfeito não com o trabalho do filho, mas com os ganhos que teria com o acordo.

Crave virou lentamente a cabeça em direção ao pai. — Você está falando sério? Uma expedição para um planeta alienígena? Como seria isso? — A curiosidade lhe mudou até o semblante.

— Ah, interessou-se! Os cientistas do reino criaram uma nave com capacidade para uma viagem desse tipo. Ainda assim, será uma viagem longa: quatro anos — dois indo e dois voltando. Não é simples; é até perigosa, pois seria a primeira vez que sairíamos do nosso sistema. A nave tem motor de impulso com capacidade para velocidades imensas, um protótipo que, até agora, funcionou bem. — O rei não sabia as especificações e tentou explicar do seu jeito.

— Quatro anos. Eu não estaria aqui para o casamento do Win — disse, pensativo.

— Não me venha com sentimentalismo.

— Você nem sabe se a gente voltaria, pai.

— Você morreria exercendo a função que escolheu. Seria um herói!

— Eu não escolhi nada; você e aquele professor linguarudo é que escolheram — Crave estava exasperado com o rumo da conversa.

— A escolha é sua, Craswerdth. Se você não aceitar, acho outro que aceite. — Era o fim da conversa: o pai o chamara pelo nome completo.

Crave virou-se para a janela, olhando as nuvens que passavam lentamente e a majestosa cidade de Palomar, com seus imensos arranha-céus brilhantes, desenhando-se no horizonte. O pouso foi suave.

— Bem-vindo a Palomar, Staad — disse o rei Ivuld, velho conhecido dos acordos comerciais com Tapra. — Bem-vindo, embaixador Craswerdth. Vamos para o meu escritório; vão conhecer minha filha.

Os dois reis saíram na frente. Crave foi no grupo de trás, com assessores e seguranças. Observava tudo curioso: jamais estivera em Palomar, realmente uma cidade de extrema beleza. Próxima ao mar, a oeste, e com imponentes montanhas de picos brancos ao norte, que vigiavam como gigantes. A brisa marítima dava um ar de tranquilidade, mas era falsa a sensação: a cidade ardia em vigor e movimento.

A viagem no veículo oficial foi rápida — pouco mais de cinco minutos. Crave seguiu em outro carro, pois seu pai preferiu um assessor ao lado. Ele também preferiu assim, já que não conversaram mais desde o voo até a cidade. Na entrada do escritório, porém, foi Crave quem acompanhou os dois reis.

— Sentem-se. Vou pedir para chamar minha filha. — Ivuld tocou um botão no comunicador. — Peça para Seilana vir até minha sala. — Sorriu e se sentou na imensa cadeira.

O local não lembrava uma sala real, mas o escritório de uma corporação financeira. As janelas eram enormes e davam para o mar, onde, ao longe, uma tempestade se formava.

— Staad, temos tudo organizado. Acho que podemos marcar o casamento para daqui a um mês. — O rei batia lentamente com a mão no braço da cadeira, demonstrando nervosismo.

Crave percebia que ele não estava confortável — *talvez por a única filha se mudar para longe?*

— Maravilhoso. Quanto mais rápido, melhor — Staad animou-se. — Vamos fazer uma grande festa, chamar governantes de outras cidades, empresários e celebridades. Mas veja bem, meu caro Ivuld, quero máxima segurança. Se não se sentir ofendido, gostaria que meus assessores cuidassem da segurança do evento.

— Sem problema nenhum. Vai ser formidável! Então, embaixador, empolgado com o casamento do seu irmão? — Ivuld puxou conversa, percebendo que Crave também não se sentia à vontade.

— Sim, majestade. Meu irmão vai ficar muito feliz. — Um sorriso forçado lhe surgiu no rosto.

A porta se abriu, e Seilana entrou apressada. O queixo erguido em uma arrogância ensaiada. Mas, por um instante, antes que todos notassem sua presença, Crave percebeu um leve tremor em sua mão ao ajeitar uma mecha de cabelo. Não parecia nervosismo pelo casamento em si, mas algo mais fundo — como quem teme o que está deixando para trás.

Era jovem, não mais que dezoito anos. Passadas leves, cabelos longos até a cintura, corpo magro, nariz fino. As sobrancelhas grossas lhe davam uma aparência permanentemente irritada. Não passava de 1,60 m. Vestida com simplicidade, sem adereços nem cores vivas, poderia passar por uma cidadã comum. Crave levantou-se em respeito, mas seu pai permaneceu sentado, assim como o rei Ivuld.

— Boa tarde a todos. Alteza. — Seilana fez uma reverência rebuscada para o rei Staad e, em seguida, apenas inclinou a cabeça para Crave. — Embaixador.

O rei Ivuld parecia esperar alguma cena: a testa suada, o semblante apreensivo. Até se esqueceu de falar. A filha lançou-lhe um olhar duro, como se dissesse: *“Vai ficar aí parado?”*

Ivuld pigarreou, levantando-se com certo desconforto: — Esta é minha única filha, Seilana. — Hesitou, sem saber se colocava ou não a mão no ombro dela, muito menor que ele.

— Estamos encantados, princesa. Meu irmão vai ficar contente em conhecê-la — Crave inclinou-se levemente para a frente, a postura diplomática suavizando o silêncio incômodo.

— Espero que sim, embaixador. Seu irmão precisa mesmo de um novo caminho. — A acidez na voz da princesa cortou o ar, e Crave mudou o semblante.

Staad quis se levantar, mas, precisando de ajuda, permaneceu sentado. Crave percebeu o constrangimento do pai, mas logo a conversa foi retomada. A tarde deslizou em trivialidades, e ele já estava cansado de ouvir a voz irritante da princesa com seus pedidos descabidos de panos, comidas e música. Seu pai concordava com tudo, contente, enquanto

o rei Ivuld observava a filha em silêncio, como se estivesse sempre à espera de um ataque de nervos — ou de um xilique grandioso.

Depois de mais de quatro horas, finalmente voltaram ao veículo e pegaram o caminho de casa.

— O que achou dela, Crave? Parece ser bem esperta. Vou ter de gastar muito com esse casamento; a menina sempre tem um pedido maior. — Staad coçou a barba longa e trançada.

— Acho que ela é temperamental — Crave deixou a frase escapar, quase sem perceber.

— Por que diz isso? — O pai já se mostrava irritado com o comentário.

— Nada. Só uma impressão.

Staad fez uma careta. — Você só olha as coisas pela sua perspectiva emotiva. Ela vai controlar seu irmão — e isso é ótimo! Ele precisa de controle. Pagarei com prazer, se for para ela dar um basta nas esquisitices dele. Além do mais, isso vai render muito para o reino.

Crave apenas revirou os olhos, sem encarar o pai. A conversa era cansativa. Não queria dar mais espaço a ela — e assim seguiram mudos, enquanto o rei adormecia e roncava durante o voo pelas nuvens.

Pouco depois, já no palácio, o príncipe recolheu-se aos próprios aposentos, exausto mais pela companhia do pai do que pela viagem em si.

Na manhã seguinte, os preparativos para o casamento começaram, mas Crave tinha uma decisão para tomar. Passou a noite em claro pensando, analisando. Se fosse na missão diplomática, seu irmão ficaria sentido por ele não comparecer ao casamento. Não poderia fazer isso com ele, mas era uma oportunidade de viajar pelo espaço.

Deitado em sua cama, o sol começava a clarear o quarto. O cobertor era amassado nas mãos em desespero. Cobria a cabeça e voltava a olhar para o teto. *O que fazer?*

Não tinha certeza de nada. A porta se abriu de uma vez e seu nome foi gritado: — Craveeeee!!!! — Seu irmão irrompeu pelo quarto, logo depois fechando a porta.

O susto foi **tão** grande que Crave quase caiu da cama, mas ainda assim soltou um grito de desespero. — Quer me matar?! Eu estou sem roupa, Win!!! — Crave se enrolou no cobertor.

— Grande coisa. Já te vi sem roupa várias vezes, nem tem como isso aí ter mudado — disse Win, sentando-se em uma poltrona, rindo. — E aí, me conte como é a minha noiva?

— Ah, isso... bem, ela é bonita, baixa, fala muito bem, é comunicativa — Crave pensou melhor antes de falar sobre a personalidade da noiva do irmão e calou-se.

— Só isso?

— Não fiquei muito tempo com ela. Papai é quem cuidou de tudo — mentiu.

— Que coisa. Fiquei sabendo que papai lhe ofereceu uma missão. Você vai aceitar? — havia preocupação no rosto de Win. Ele sabia dos perigos de uma viagem assim e se ressentia de o pai ter indicado logo o irmão para isso.

— Não sei. Ainda estou pensando — murmurou Crave, levantando-se enrolado no cobertor e caminhando em direção ao banheiro para o banho matinal. — Ainda estou considerando.

Quando passou por Win, o irmão agarrou a ponta do cobertor e puxou de repente, deixando-o nu. Crave soltou um grito abafado e disparou para dentro do banheiro.

— Depois a gente conversa. Se cuida, irmãozinho! — sorrindo Win abriu a porta e saiu, embora desconfiado: a pressa do irmão em encerrar o assunto parecia esconder algo.

Enquanto tomava seu banho, Crave pensava se contava ou não para o irmão sua primeira impressão da noiva. Decidiu que não. *Talvez fosse apenas mau humor dele*, pensou, e daria uma nova chance para ela. Era muita pressão em um casamento arranjado, deveria considerar isso, colocar-se em seu lugar.

Decidido, não tocaria mais no assunto **até** a chegada da princesa.

Uma semana depois, Seilana adentrava o palácio. Crave, em seu papel de embaixador, foi o responsável pela recepção. Win e o rei Staad estavam à espera na entrada, enquanto serviçais já se dispunham a carregar as malas e se apresentar à mais nova moradora do castelo. Uperya, incansável, coordenava tudo com a mesma energia de quando tinha vinte anos.

Seilana desceu do veículo voador usando uma roupa simples, sem adornos. Crave a recebeu e, de braço dado, começou a subir a rampa em direção ao irmão e ao pai.

— Achei que o castelo fosse maior. Não chega nem perto da nossa propriedade — comentou, observando cada detalhe com olhos atentos.

Crave pensou, amargo: *Agora entendi por que papai queria tanto essa garota como nora. São iguais.*

— É antigo. Foi meu bisavô quem construiu — respondeu, sem pressa, mas com firmeza. Suas palavras traziam um peso de aviso: ali havia história.

Seilana fez um gesto de desdém. — Quando eu for rainha, vamos modernizar algumas coisas por aqui.

A frase foi como um soco para Crave. No fim da rampa, ele entregou a noiva ao irmão: — Meu irmão, esta é Seilana, herdeira do trono de Palmor. Sua noiva. — Passou a mão dela para Win.

— Encantado, minha noiva — declarou Win, como se repetisse uma fala decorada, num tom cerimonioso.

Seilana estreitou os olhos para ele. Apesar da beleza, achava-o “extravagante demais”. Voltou-se para os empregados com expressão de desagrado, mas se conteve.

— Vamos, vamos entrar. Há muito para conhecer. Uperya já preparou seus aposentos — incentivou Staad, o tom animado contrastando com os olhares cautelosos que lançava ao filho.

Crave, mais uma vez, percebeu a futilidade da futura cunhada. Entediado, fingiu ter compromissos e se retirou, deixando o pai e o irmão bajularem a jovem princesa. Refugiou-se em sua sala. Ultimamente, passava menos tempo ali, preferindo missões externas a ficar enclausurado. Ainda naquela tarde teria uma audiência com o pai, onde já havia decidido: não viajaria, permaneceria no planeta.

A papelada acumulada pela viagem o aguardava e, com um suspiro, começou a despachá-la. Horas depois, no caminho para a audiência, ao passar pela biblioteca, Crave ouviu vozes vindas da sala pessoal do pai. A porta estava entreaberta, e uma risada cortante chamou sua atenção: era Seilana.

— Eivili, você não tem ideia do quanto isso aqui é brega — dizia a princesa a alguma amiga de sua cidade ao telemóvel. — Um castelo velho, parece cenário de filme de terror! O meu noivo é um fraco, cheio de trejeitos, até achei que ia me casar com uma mulher! E você não sabe o pior: há uma governanta caindo aos pedaços, parece uma bruxa! E a comida dela? Você não imagina... — riu com desprezo.

Fez uma pausa e suspirou, como se estivesse aliviada por estar falando com alguém conhecido.

— Pelo menos aqui não tem a minha mãe me vigiando a cada segundo. Aquela mulher sufoca qualquer um. Mas chega, não quero estragar a minha diversão falando dela. Deixa-me virar rainha, e vou colocar ordem. A primeira coisa será mandar essa velha embora.

Crave ficou paralisado. O sangue lhe subiu à cabeça. *Quem essa pirralha pensa que é? Chamar a Up de bruxa? E ainda zombar da própria mãe?* Para ele, aquilo foi a gota d'água — um sinal de arrogância sem medida.

Desviou o rumo e seguiu direto para o escritório do irmão. Seus passos ecoaram pelo mármore, o coração pulsando de raiva. *Aquela maldita cobra...*

Entrou sem anunciar. Win, sisudo do outro lado da mesa, ergueu os olhos apenas por um instante. — Pelo jeito, todo mundo resolveu entrar sem bater hoje — disse secamente, sem largar os documentos.

Crave ficou opaco de vergonha. — Desculpe, mas o que tenho a dizer não pode esperar.

— Despeje logo, Crave. Papai já me deu o sermão do dia. Vai repetir?

— Claro que não, Win. Para de ser grosseiro. Vim te ajudar. Vim te alertar.

Win suspirou, pesado. — Não foi uma conversa fácil com papai, como sempre. Fale, estou ouvindo. — Deixou os papéis de lado.

Crave se aproximou, sentando-se. — Você precisa acabar com esse casamento. Essa princesa é uma falsa. Fala mal de você, mal do castelo, de tudo. Conheceu a família há poucas horas e já quer mudar tudo. Não é de confiança. — Fez uma pausa, respirando fundo. — Além do mais, ela quer mandar a Up embora!

O rosto de Win não se alterou. A frieza incomodava. — Crave, você precisa crescer. Parar de criar atrito com todo mundo que chega perto de mim. Não somos mais crianças. Não preciso de proteção. Isso é política. E você nunca vai entender enquanto viver num mundo perfeito que só existe na sua cabeça.

— Está me chamando de intrigueiro?

— Estou dizendo para parar de procurar problemas.

— Está me ouvindo? Estou te contando quem ela é de verdade!

— Não quero saber disso. Quero saber se ela pode ser uma boa rainha. E provavelmente será. Não preciso do meu irmão falando contra minha futura esposa. Ela vai ser sua soberana, Crave, e você já está arrumando encrenca antes de ela se sentar no trono. — Levantou-se exacerbado.

Crave o encarou, magoado. — Não estou entendendo por que está falando assim comigo.

— Porque estou cansado da sua superproteção. Tenho responsabilidades, e você me vem com essa história de terminar casamento! — Win hesitou, depois disparou: — Você e o Reperty deviam ficar juntos.

— Ei, ei! O Reperty é seu namorado!

— Não mais. Agora sou noivo. Não tenho namorado, tenho uma noiva. Ele voltou para a cidade dele. Vocês são parecidos, deviam se casar e me deixar em paz.

Crave levantou-se lentamente, ferido. Fitou o irmão como se não o reconhecesse. Parte dele quis responder, mas desistiu. Saiu em silêncio, derrotado.

Quando a porta se fechou, Win encostou as mãos no rosto, arrependido. Mas lembrava das palavras do pai, ditas minutos antes: *“Ou você convence seu irmão a assumir a missão, ou eu mesmo darei um destino a ele. Mandarei Crave para uma ilha esquecida, para ser embaixador no meio do nada.”*

Para afastá-lo, Win precisava ser duro. Ferir o coração de Crave era cruel, mas necessário. E, ainda assim, ele sabia: o irmão estava certo sobre Seilana. A covardia o sufocava.

Enquanto isso, Crave, ainda ardendo de raiva, seguiu para a sala de audiências. Já estava atrasado, e certamente o pai faria algum comentário ácido. Foi anunciado e entrou com expressão fechada.

— Você está atrasado — limitou-se Staad, sentado à mesa repleta de livros de registros, dispositivos e assessores ao seu lado.

— Aceito o cargo de capitão. Pode preparar tudo — as palavras explodiram de sua boca. **Ele as disse** sem pensar, apenas dominado pela raiva. Virou-se e saiu como entrou, sem mais.

Staad esboçou um leve sorriso de canto de boca. — Vamos continuar — disse aos assessores, satisfeito. *Finalmente Win fizera algo que prestava.*

As semanas passaram rápido. Crave deixou de lado o trabalho de embaixador e passou a maior parte do tempo cuidando dos preparativos da viagem interplanetária. Mudou-se temporariamente para a base de Petryna, onde a nave *Flexan* recebia os últimos retoques.

Era uma bela nave prateada, o casco metálico espelhado refletia a luz com um brilho único. De linhas fluidas e aerodinâmicas, cada curva era suave e perfeitamente arredondada. O corpo central afilava-se numa ponta aguda, como uma flecha pronta para cortar o espaço. Nas laterais, os motores de impulso — a mais nova invenção dos cientistas taprianos — estavam elegantemente acoplados ao fim das asas. Pequenas janelas triangulares, discretamente alinhadas, davam a falsa impressão de um interior estreito; por dentro, porém, havia espaço suficiente para vinte oficiais, que manteriam a nave em pleno funcionamento. Um quarto exclusivo para o capitão fora planejado com elegância e conforto; os demais tripulantes tinham dormitórios bem organizados. A ponte de comando, embora compacta — abrigava cinco oficiais —, era funcional e moderna.

Crave se aprofundou em cada detalhe da engenharia da nave. Estudou sua concepção, as fórmulas matemáticas que permitiam alcançar as velocidades planejadas e a utilização do novo combustível experimental, já comprovado como mais eficiente e econômico. Escolheu pessoalmente seus dezenove oficiais — engenheiros, militares, cientistas, linguistas e diplomatas. Queria sangue novo: gente de pensamento moderno, distante das ideias ultrapassadas do pai.

Enquanto se dedicava a isso, evitava pensar nas palavras duras do irmão. Talvez, quando retornasse — em quatro anos —, as coisas estivessem diferentes. Quem sabe se casaria, ou partiria para outra cidade. Por ora, só desejava completar a missão: viajar pelas estrelas, conhecer novos mundos e, enfim, ter contato com os Uroo.

No castelo, os preparativos também avançavam. Crave viajaria dois dias antes do casamento do irmão — decisão do pai, que preferia concentrar os gastos de celebrações em datas próximas. Win não se opôs. Apenas a noiva demonstrou desconforto, mas não foi incisiva — talvez ali se revelasse sua verdadeira personalidade. Desde a última conversa, Crave e Win não trocaram mais palavras, nem por ligação. Não havia assunto.

O dia da decolagem chegou. Crave vestiu o uniforme oficial de capitão da *Flexan*, penteou os cabelos para trás e endureceu o semblante. Encontraria o pai, o irmão e a futura cunhada no evento de lançamento. Autoridades de todo o planeta compareceram, e uma multidão se acumulava do lado de fora da base do QG. Ele mesmo pilotara a nave até a capital, para sentir sua resposta. Seu piloto oficial, Dalmos — um ex-colega da academia —, assumiria os comandos na decolagem. As emissoras transmitiam o evento ao vivo. O discurso do rei e a decolagem seriam acompanhados por milhões.

Diante do espelho, Crave ajeitou pela última vez o cabelo e o uniforme. Tinha receio de encarar o irmão novamente. Seguiu para a grande estrutura montada para as autoridades. Sentou-se o mais distante possível da família. Não desviou o olhar para os lados; fixou-o na multidão e na nave que reluzia ao longe na pista. Quando seu nome foi mencionado pelo pai e as câmeras o focaram, levantou-se, acenou educadamente e recebeu aplausos entusiasmados. Afinal, o príncipe Crave tornara-se um herói nacional: o primeiro argentium a viajar para outro sistema. Sentou-se novamente em silêncio, aguardando o momento da partida.

Após o discurso do rei, outros se seguiram. Até Win falou: parecia outra pessoa — rígido, régio, sombrio.

Ao final, Crave aproximou-se para a despedida. — Senhor rei. Senhor príncipe. Princesa. — Fez apenas uma reverência, num tom distante.

— Boa viagem, Craswerdth — disse a princesa, sem emoção.

— Boa viagem, meu filho. Que os bons ventos o tragam de volta são e salvo. — O pai, apesar do controle, parecia desesperado, talvez arrependido de enviar o próprio filho a uma missão possivelmente fatal.

— Boa viagem, meu irmão. Tem certeza de que é isso que você quer? — Win, por um instante, deixou a nova armadura emocional falhar.

— Tenho sim, Winzemurian. Obrigado. — A dureza no uso do nome completo foi como uma lâmina.

Win abaixou a cabeça, ferido. Crave virou-se sem mais. *Talvez fosse a última vez que veria a família*, **pensou**, mas não deixaria transparecer sua dor. Se fosse morrer, morreria em meio às estrelas.

Seguiu para a nave. Acenou à multidão na plataforma e entrou, exausto de tanta pompa. Sentou-se na cadeira de comando, sentiu o painel sob os dedos e olhou para os companheiros de jornada. Suspirou fundo. Lembrou-se da infância, quando pilotava naves imaginárias.

— Iniciar sequência de decolagem, Dalmos.

— Iniciando sequência de decolagem, capitão. — Dalmos, agora piloto experiente, seguiria à risca a rotina. Apesar de nunca ter sido próximo de Crave, confiava na integridade do príncipe e sentia-se honrado pela oportunidade.

A *Flexan* tremeu e começou a levantar voo. A luz do sol refletia na lataria prateada enquanto ela subia, lutando contra a gravidade. Crave não olhou para fora; manteve os olhos nos painéis. Era um adeus — ou, quem sabe, um até logo.

Foram quatro anos longos no espaço. Viver com apenas vinte pessoas ensinou a Crave valores inestimáveis: confiança, companheirismo, solidariedade. Sem ninguém além deles, aprenderam a contar uns com os outros. A fase mais crítica da viagem foi o acionamento dos motores de impulso que os levariam ao sistema vizinho, dos Uroomidas. Ainda assim, tudo ocorreu sem incidentes, graças à competência de Crave e sua tripulação. A viagem interestrelar, apesar de demorada, era um sucesso. Os quatro anos passaram como um cometa que rasga o céu numa noite nublada: rápido, silencioso, quase invisível.

As negociações com os Uroo não foram difíceis. Eles estavam extasiados em encontrar uma raça tão perto de seu planeta natal, mas não se interessavam em trocar experiências científicas, filosofia ou aprendizado. Queriam *negócios*. Crave nunca se sentira tão usado; talvez até seu pai fosse mais sutil do que os vizinhos Uroo. A intenção deles era clara: oportunidade de ganhos.

A *Flexan* não desceu no planeta; permaneceu em órbita. Não houve autorização. As primeiras conversas aconteceram por videoconferência. Os Uroo não eram tão diferentes dos argentium, exceto pela cor. Tinham a pele dourada como ouro — um metal de qualidade inferior em Argentium, raramente usado. Um dourado doentio aos olhos dos argentium, que se achavam lindos com sua cor prateada.

O que mais chamou atenção foi uma capacidade peculiar: o toque dos Uroo era fatal. Ao serem tocados por um Uroo, objetos ou pessoas transformavam-se em ouro. Em seres vivos, isso era quase sempre fatal. O planeta deles também era tóxico para os argentium, com uma atmosfera carregada de fluoreto de ouro.

O negociador uroo chamava-se Gusteviton Olprass e compreendia um pouco da língua tapriana. A proposta inicial era vender ouro em troca de prata — metal comum em Argentium —, mas o ouro não tinha tanto valor para os argentium, o que travou as negociações. Crave, porém, foi inteligente: sugeriu comercializar prata por componentes tecnológicos. Os Uroo viram ali a chance de tornar os argentium dependentes. O que eles não previram foi a capacidade autodidata dos argentium, que logo aprenderiam a fabricar seus próprios componentes, quebrando a dependência. O golpe viraria contra os Uroo sem que percebessem.

Como mimo, os Uroo pediram alguns objetos argentium. No início, Crave não entendeu o motivo; quando os objetos voltaram transmutados em ouro, ele compreendeu: queriam demonstrar sua impressionante capacidade. O recado estava dado. E Crave anotou uma segunda lição: *seriam perigosos se rejeitados*.

A volta para casa, com um acordo firmado, levou dois anos e transcorreu sem intercorrências. Os laços na tripulação estavam mais firmes do que nunca; eram uma família.

Dois anos depois, quando a *Flexan* se aproximava do primeiro planeta do sistema Heze, o inacreditável aconteceu.

— Capitão Crave, estamos detectando uma nave desconhecida no sistema. — O oficial tático franziu a testa diante dos dados que surgiam na tela.

— Uma nave desconhecida? Não é nenhuma das nossas, Venlyas? — Crave abriu seu próprio painel para conferir.

— Não, capitão. É um pouco maior que a nossa. O design também é incompatível.

— Coloque na tela principal. Máxima aproximação. — Crave inclinou-se para a frente. Os outros quatro oficiais da ponte fizeram o mesmo, tomados pela curiosidade.

A imagem que surgiu na tela era estranha e fascinante. Uma nave talvez vinte metros mais longa que a *Flexan*, mas muito mais alta — Crave arriscaria cem tripulantes. Deslizava pelo tecido do cosmos como uma flecha dourada lançada por deuses esquecidos. O casco, uma sinfonia de prata líquida e ouro envelhecido, refletia luzes distantes como se carregasse memórias de galáxias extintas. Janelas panorâmicas revelavam múltiplos decks internos; silhuetas iam e vinham ao som do zumbido constante de sistemas que *precisavam de reparos*. No centro, uma cúpula translúcida pulsava com luz azulada — o coração tecnológico da embarcação —, mas a pulsação estava irregular, como se a nave

respirasse com dificuldade. Fissuras serpenteavam por trechos do casco, cicatrizes de encontros violentos. Em alguns pontos, a iluminação tremeluzia. Incrições indecifráveis adornavam a lateral. Apesar das avarias, seguia firme — como um veterano ferido que não abandona a missão.

— Pela aurora... Ela é linda. E parece estar com dificuldades. — Crave, reacomodando-se na cadeira, passou a mão pelos cabelos, pensativo. — Aproximemo-nos com cautela, Dalmos. Podem ser hostis. Venlyas, armamento a postos e abra canal de comunicação.

A *Flexan* aproximou-se lentamente. O bip do pedido de comunicação não tardou a aparecer: — Aqui é o Capitão Lukin Gar II, da *UPC Antares*. Somos uma nave de exploração e estamos enfrentando problemas técnicos. Lamentamos se invadimos seu território. Viemos em paz, à procura de auxílio.

A tripulação não entendeu a mensagem de imediato, mas retribuiu a saudação. — Bem-vindos, viajantes, ao sistema Heze. O que procuram? Somos um planeta pacífico. Precisam de auxílio? — Crave manteve o tom conciliador de diplomata.

O computador da *UPC Antares* recebeu a mensagem e começou a trabalhar na tradução para ambos os lados. O capitão deu a ordem: — Alferes, deixe o canal de comunicação aberto com a nave prateada.

E continuou: — Sim. Fomos pegos por uma tempestade subespacial. Se puderem nos ajudar, será de enorme valia. — A voz do outro lado, em tapriano perfeito, soava sincera para Crave.

— Sou o Capitão Craswerdth Vendreserwqw, do planeta Argentium, príncipe de Tapra Asnaad. Podemos auxiliá-los. Nosso planeta não está longe. Sigam-nos. De onde vêm, Capitão Gar? E como conhecem nosso idioma? Podemos abrir comunicação visual?

A tela principal da *Flexan* se abriu. O capitão estrangeiro surgiu. Ele era semelhante a um argentium, porém de pele branca opaca, sem brilho; os cabelos, prateados, tinham a palidez de quem não os trata há anos. Olhos verdes magníficos. O uniforme azul era imponente, e a ponte de comando parecia imensa. Crave reconheceu no semblante do capitão o mesmo fascínio que ele próprio sentia. Ambos sorriram.

— Estamos retornando de uma viagem diplomática; nossos sensores captaram sua nave, Capitão Gar — Crave manteve a polidez. — Podemos ajudar. Se quiserem nos acompanhar até a órbita do nosso planeta, falarei com o rei para prover o necessário.

— Agradecemos o convite, vossa alteza. Mostre-nos o caminho, e nós o seguiremos.

— Dalmos, vamos pra casa. Venlyas, abra comunicação com o QG. Eles serão nossos convidados — encerraremos a missão com chave de ouro. — Crave estava empolgado; por um instante esqueceu os problemas que deixara quatro anos atrás. — Capitão Gar, de onde vocês vêm? Se puder falar, claro.

— Somos uma nave de exploração de uma organização político-científica localizada no núcleo galáctico. É nossa primeira missão de contato. Chama-se União dos Planetas Confederados (UPC) — seis mundos unidos para avanço tecnológico e proteção mútua. Estamos há um ano em viagem, mas uma tempestade causou danos.

— Fascinante, capitão. Nosso planeta tem poucos contatos além dos vizinhos de sistema. Ficaremos honrados em recebê-los e saber mais sobre a UPC. Vou adiantar tudo com meu pai, o rei Staad.

— QG, aqui é o Capitão Craswerdth. Preciso falar com o rei, com urgência.

— Capitão, retransmitindo para o castelo.

— Filho! — A voz de Staad veio carregada de emoção. — Por todas as auroras, você conseguiu!

— Mais do que isso, pai. Temos visitantes. Encontramos uma nave de uma organização galáctica que precisa de ajuda técnica. Convidei-os, se não houver problema. São tecnologicamente avançados; viajam pelas estrelas numa belíssima nave!

— Crave! Claro. Você é um verdadeiro embaixador! Traga-os como meus convidados. Não podemos perder essa oportunidade única. Vamos ajudá-los no que precisarem. — Staad já via as manchetes e os ganhos políticos.

— Ótimo, pai. Em poucas horas estaremos em casa — disse, desligando.

A tela se abriu novamente com o capitão estrangeiro. — Capitão Gar, falei com meu pai. Serão recebidos no nosso castelo. Irei pessoalmente recepcioná-los. Infelizmente não temos área adequada para pouso da sua nave.

— Não se preocupe, alteza. Ficaremos em órbita e teletransportaremos um grupo. Será uma honra conhecê-los.

— Teletransporte... Imaginem só! — Crave sorriu. — Perfeito, enviarei as coordenadas. Estamos ansiosos para recebê-los.

A tela se apagou. — Tripulação, hoje fazemos história — anunciou Crave no circuito interno. — Vamos mostrar a toda Argentium que podemos viver em paz com a galáxia. Vamos mostrar do que somos feitos!

Todos responderam em uníssono: *Iri luma torané, elo kai lunara* (de alma brilhante como a aurora).

A *Flexan* iniciou os procedimentos de pouso. Crave mal podia esperar para encontrar os convidados. — Dalmos, você cuida de tudo agora. Tenho que me apressar.

— Sem problema, Crave. — Dalmos segurou o antebraço do capitão e o abraçou — um cumprimento típico tapriano. — Espero que não seja nossa última viagem.

— Com certeza não.

Foi o tempo de colocar a roupa diplomática oficial e entrar no carro. Tudo mais podia esperar. Um veículo oficial do reino o aguardava. A bagagem seguiria depois. No caminho, Crave observou a cidade: mais prédios, um QG ampliado, silos de mísseis visíveis — haviam triplicado desde sua partida. Um aperto no peito veio à lembrança do irmão. *Já casado, quatro anos...* Não queria vê-lo. Ainda não.

O veículo pousou no pátio do castelo. Muita coisa mudara. O castelo estava mais moderno, como prometera a futura rainha: pista de pouso interna; vitrais substituídos por

platilium, metal escovado e transparente típico de prédios corporativos. Portas automáticas com reconhecimento facial. Tentou entrar; o sistema não reconheceu seu rosto. Virou-se para o motorista, que deu de ombros. Viu um pequeno visor plasmático ao lado — moderno. Tocou no número da portaria. Uma mulher atendeu, surpresa: — Príncipe! Não sabíamos que já havia chegado. Vou abrir.

Entrou já preparado para as mudanças — e, ainda assim, estranhou. Corredores redesenhados; quase nada lembrava a casa onde nascera. Seu comunicador vibrou: — Capitão Crave, os convidados aguardam as coordenadas.

— Passe as coordenadas do castelo. Vou aguardá-los no salão principal.

Segundos depois, uma luz amarelada materializou cinco visitantes. A empolgação de Crave era evidente — como uma criança no próprio aniversário.

— Sejam bem-vindos a Tapra, meus queridos convidados! — O príncipe os abraçou, à maneira tapriana. O cumprimento, apesar de ser estranho inicialmente por ser muito íntimo, foi retribuído pela equipe, mas o Comandante Ezequiel permaneceu imóvel, sentindo-se retraído por tamanha intimidade.

O capitão passou a apresentar seus companheiros: — Este é meu primeiro-oficial, Comandante Thor Starscream, de Antares.

O porte e a beleza do oficial impressionaram Crave: cabelos dourados levemente desalinhados, barba bem aparada, e uma autoridade tranquila de quem enfrentou o caos do universo e voltou. — Este é o comandante de ciências, Comandante Ezequiel, do planeta Goodles.

Ainda mais impressionante: cabelos longos e brancos como cascatas de luz, barba espessa, olhar profundo e sereno. As asas — vastas, amarronzadas como madeira antiga — abriam-se com majestade. — Este é meu oficial-médico chefe, Comandante Dr. Tyran Alheus, também de Antares.

Cabelos dourados, longos e ondulados; barba espessa e bem cuidada; olhos azuis atentos. — Este é o tenente-comandante Chanray Rii, chefe de segurança, natural de Capela, como eu.

Alto, quase 1,90; musculoso; cabelos brancos curtos e alinhados; barba bem aparada; rosto de lealdade inabalável. — E, por fim, a Embaixadora Epibliu, do planeta Paracelsus.

Crave ficou fascinado, pois ela não era totalmente humanoide: asas vastas e vibrantes em laranja, marrom e dourado; antenas plumosas; uma coroa de penas azuis cintilando sob a luz do salão; **um** vestido em camadas fluidas, adornado com gemas; e um leque delicado que falava por gestos.

— Venham, meu pai os receberá — anunciou o príncipe, conduzindo-os pelos corredores do palácio. Flâmulas e pinturas vivas mudavam de cor conforme a luz e a posição do observador. A arquitetura mesclava rocha, metal e madeira em tons metalizados. Embora os quadros fossem os mesmos, as texturas e cores eram outras — e isso incomodou Crave. Para não pensar, passou a falar da cidade e do povo.

— Esta é a cidade mais antiga entre as centenas que formam nosso reino. Aqui meu pai, o rei Staad Pympenmith, governa.

Os convidados observavam atentos. Ezequiel observava Crave. — Só o seu pai governa todo o planeta? — perguntou Ezequiel, desconfiado.

— Não. Existem outras cidades-Estado — vinte e sete, para ser exato — que chamamos de reinos. Alguns são aliados do meu pai; outros, nem tanto. — Crave imaginou o que a tecnologia de Ezequiel já captara... talvez os mísseis.

— E por que tantas armas nucleares espalhadas? — perguntou Ezequiel num tom casual que não enganou o príncipe.

— Defesa e status. Cada cidade acredita que a simples posse dessas armas garante proteção, sem precisar usá-las. Já estivemos em guerra no passado, mas, nas últimas duas gerações, vivemos em paz. Acredito que estamos evoluindo. — A resposta saiu com uma convicção que ele não sentia.

— Alteza, de onde o senhor vinha quando nos encontrou? — quis saber a embaixadora, interessada na viagem.

— Sou também embaixador. Estava retornando do sistema dos Uroomidas, com quem mantemos contato. A viagem leva dois anos até lá. Fechamos acordos tecnológicos importantes. — Crave abriu as portas do salão principal. — Meu pai, nossos convidados.

No interior, uma longa mesa de metal leitoso dominava a sala, refletindo a luz suave das janelas altas. Esculturas intrincadas e estatuetas de prata pareciam flutuar, sustentadas por campos magnéticos imperceptíveis. Pinturas metálicas ondulavam devagar, guiadas pelos polos do planeta. Autoridades do reino ocupavam seus lugares. Win não estava. O pai, sim — e, embora emocionado há pouco pelo comunicador, agora não demonstrou carinho algum. Sua atenção era toda dos visitantes. Crave se ressentiu. *Depois de quatro anos, era relegado ao segundo plano — de novo.*

Staad, de barbas prateadas e trançadas até o peito, usava uma coroa reluzente e roupas ainda mais ricamente adornadas que as do filho. O rosto severo e os olhos de vermelho profundo, quase sangrando, impunham respeito. Dois brincos dourados em cada orelha destoavam da prata predominante. A pele, prateada e levemente desgastada, lembrava metal banhado em enxofre. Estava mais velho; mais gasto.

— Bem-vindos a Tapra Asnaad, viajantes do espaço! — saudou, abraçando-os calorosamente. Ministros e conselheiros fizeram o mesmo.

Staad não cumprimentou o filho. Crave, então, apresentou: — Pai, este é o capitão Lukin Gar II, da nave *UPC Antares*; a embaixadora paracelsiana Epibliu; o comandante Tyran Alheus, médico; o comandante Ezequiel, cientista goodlesiano; o primeiro-oficial Comandante Thor Starscream, de Antares; e o tenente-comandante Chanray Rii, de Capela.

— Sejam bem-vindos. Sintam-se em casa. Meu filho disse que precisam de ajuda — e nós vamos providenciar o que for necessário. Tenho tantas perguntas... — O rei sentou-se, auxiliado por um serviçal.

— Estamos à disposição, alteza — disse a embaixadora, abrindo o leque com graça.

— Meu filho, leve os outros para tratarem das necessidades da nave. A embaixadora e o capitão ficam comigo. Assim adiantamos o trabalho — ordenou o rei, calculista.

— Claro, meu pai. Venha, comandante Ezequiel. — Crave indicou uma porta lateral. — Quero mostrar algo sobre os Uroomidas que pode interessar.

Além de Ezequiel, o comandante Starscream juntou-se a eles. — Alteza, poderia apresentar-me a seus engenheiros? Preciso enviar ao nosso engenheiro-chefe uma lista de materiais — pediu Starscream, com uma voz tão macia que, pela primeira vez, Crave se pegou balançado por alguém do mesmo sexo.

Piscou rápido, tentando recompor-se. — Claro. — Crave acionou o comunicador: — Oficial Pelis, venha ao salão principal.

Pelis chegou e reverenciou o príncipe. — Leve o comandante ao setor de engenharia e ajude no que for necessário.

— Sim, alteza. — Starscream o seguiu. Crave, discretamente, acompanhou o corpo moldado do oficial com o olhar, envergonhando-se em seguida.

O chefe de segurança, Chanray Rii, manteve-se calado, atento, postado discretamente ao fundo, ouvindo tudo. O príncipe conduziu Ezequiel a uma sala lateral, afastada do burburinho. As paredes exibiam esculturas metálicas que mudavam de tom com a luz artificial; o piso refletia um teto de prata líquida. O que antes fora um pequeno escritório transformara-se numa antessala estranha — Crave não reconhecia quase nada dali.

— Dalmos, peça ao alferes para trazer os artefatos Uroomidas à sala anexa ao salão de audiências.

— Imediatamente, capitão.

O jovem alferes entrou com os objetos. Ezequiel observava com curiosidade contida. — Olhe só isso! — disse o príncipe, empolgado. — Trouxemos alguns objetos dos Uroomidas para mostrar.

Ezequiel aproximou-se da mesa, examinando os pequenos artefatos. Crave explicou que cada peça, originalmente de prata, fora transformada em ouro pelo simples toque dos nativos: pequenas caixas, adornos, utensílios — todos reluziam com brilho intenso.

— Transmutação — murmurou Ezequiel, tocando de leve uma caixa. — A prata se reorganiza em ouro sem aquecimento nem pressão. Impressionante...

O príncipe sorriu, quase infantil em sua excitação: — É incrível, não é? Eles são parecidos conosco; a diferença é a pele dourada. Lá, tudo é ouro — então é natural para eles. Veja como nossos objetos mudaram de prata para ouro só com o toque!

Ezequiel girou um ornamento entre os dedos. — A reação parece induzida por contato biológico, mas é estável. Sem deformações, sem perda de massa... um mecanismo de transmutação altamente controlado.

Crave apontou detalhes, orgulhoso: — E aqui! E aqui! Quero que veja tudo, Comandante, que compreenda a genialidade desses vizinhos!

Ezequiel assentiu com um leve sorriso: — Realmente... algo que vale a pena estudar mais a fundo. — Crave tinha razão em sua intuição: *Ezequiel era uma mente científica*.

Continuaram o tour pelo palácio, falando sobre tecnologia, voo e sobre a UPC. Ezequiel explicou tudo o que pôde, mas também perguntou: — Desculpe perguntar mais uma vez, alteza, mas os mísseis nucleares já foram usados na história de vocês? — Ele desconfiava de que a aparente paz do planeta fosse frágil demais.

— Não, comandante, mas foi uma tecnologia que desenvolvemos muito rápido, sem jamais considerar seu status destruidor. Sempre fui contra, mas é relativamente comum para todos. Temos tratados e acordos, mas a proliferação das armas é, como disse, uma forma de dizer: “*não se meta comigo*”.

— Entendo... mas ainda assim é uma forma de ameaça velada.

— Sem dúvida. Sua colocação está correta.

Ezequiel manteve seus pensamentos para si e continuou a conversa num viés mais científico, explicando sobre a UPC e as viagens espaciais. Ao se encontrarem novamente, depois de uma audiência de duas horas com o rei, os semblantes não eram os melhores. Parecia que a reunião não havia sido produtiva. Crave não tocou no assunto; preferiu esperar.

A noite já caía quando as últimas peças foram entregues ao Comandante Starscream, que agradeceu com um sorriso firme. As peças fornecidas pelo reino seriam adaptadas à *Antares*. A atenção, rapidez de raciocínio e habilidade em modificar componentes de Crave impressionaram a todos — sobretudo Enoc Mordock, engenheiro-chefe da nave.

— Você tem faro para engenharia, príncipe — comentou Enoc, ajustando os óculos que descera para avaliar os equipamentos. — Poucos teriam pensado nesse tipo de adaptação tão rápido.

Lukin, que até então observava em silêncio, acrescentou em tom grave: — E não é só isso. Você tem iniciativa. Não espera ordens para agir, mas sabe ouvir. É esse tipo de mente que mantém uma tripulação viva no espaço.

As palavras do capitão fizeram Crave corar levemente, sem saber como responder. Ao se despedirem para retornar à nave, a comitiva carregava uma excelente impressão do príncipe... e uma nem tão boa do rei.

— Parece que o príncipe conhece bem os detalhes técnicos de sua nave — comentou a embaixadora.

— E mais importante — acrescentou Tyran —, é uma mente aberta e disposta a aprender. Não podemos dizer o mesmo do rei.

Crave, percebendo os olhares de admiração — e ainda sentindo o peso das palavras do Capitão Gar — sorriu timidamente. — Se desejarem, posso acompanhá-los até a *Antares*. Gostaria de conhecer a nave e ver como trabalham. — Não comentou sobre o pai; parecia mais interessado em mostrar sua própria iniciativa do que criticar a autoridade paterna.

Epibliu trocou um olhar com Gar, que assentiu. — Será um prazer, alteza.

Craswerdth respirou fundo e afastou-se do salão principal, extasiado. Caminhou pelos corredores prateados do palácio, as botas ecoando sobre o piso metálico — recentemente substituído. A excitação da visita à nave misturava-se à preocupação com o que acabara de ouvir do pai. Ao entrar em seus aposentos, falou sem rodeios:

— Pai, posso acompanhar a comitiva da UPC até a nave? — sua voz mostrava respeito às regras, mas também firmeza nos princípios.

O rei inclinou-se para frente, os olhos brilhando de uma chama inquieta. — Crave, ouça bem: aproveite a oportunidade. Grave tudo, capture os detalhes, traga qualquer tecnologia que puder. Isso nos dará vantagem sobre todas as cidades-estado! — a voz baixa era carregada de ambição.

— Pai, não farei nada disso. É uma visita diplomática!

Staad sentiu o coração acelerar. *“Se eu não garantir a supremacia agora, se meu reino não estiver à frente, seguro, meus filhos nunca estarão protegidos”*, pensava. Cada cidade que o subestimasse poderia ser a mesma que tentaria destruí-lo amanhã. O trauma da perda, a memória do tumulto de Dellessia, o perseguiam em cada decisão.

— Você não tem visão, Craswerdth! Isso nos daria a liderança planetária. Todas as cidades se curvariam diante de nós.

O jovem apertou os punhos. — Como embaixador real, não pretendo roubar nada para garantir supremacia. Já conquistamos muito sem recorrer a manobras sujas. Por que mudar agora?

O rei revirou os olhos, mas, no fundo, sabia que não mudaria a ética do filho. Mesmo assim, permanecia soberano. E, dentro de si, o monólogo era outro:

“Ingênuo... ele não entende. Não viu o que eu vi. Não sabe o que é acordar todas as noites ouvindo o choro da mãe dele ecoar nos corredores. Eles acreditam que foi um acidente... mas eu sei. Foi um atentado. Queriam me atingir, arrancaram minha luz, minha companheira... e, se me pegarem fraco outra vez, levarão também meus filhos.”

“O mundo lá fora é cruel. Os reinos fingem amizade, mas planejam minha queda. Já tentaram me destruir uma vez, não cometerão o mesmo erro. Se quero que Crave e Win sobrevivam, preciso erguer um muro de poder tão alto que ninguém ousará atravessá-lo. Mesmo que eu tenha de mentir, roubar ou esmagar. Melhor ser temido e odiado, do que perder tudo outra vez.”

Ele encarou o filho em silêncio por alguns segundos. A ética do jovem era um obstáculo, mas também um lembrete doloroso da esposa — era ela quem sempre falava de honra e justiça. Por isso mesmo, Staad sentia a necessidade de compensar. Se Crave herdava o coração da mãe, alguém precisaria ter a frieza necessária para manter o trono de pé.

— Um dia, filho, você vai entender... — murmurou, mais para si do que para o herdeiro.

Crave respirou fundo e se despediu, decidido a cumprir seu papel diplomático. Juntou-se à comitiva e o capitão Gar que deu a ordem: — Teleporte, seis para subir.

Imediatamente uma luz amarelada os cobriu, desmaterializando seus corpos. Crave observou as próprias mãos desaparecerem até ser rematerializado na sala de transporte da

Antares. Estava tonto e enjoado, mas foi amparado pelo Dr. Tyran. — É normal ter enjoo no primeiro teleporte, alteza. Vou levá-lo à enfermaria para um remédio, depois seguimos até a engenharia. — Tyran surpreendeu-se com a leveza do corpo do príncipe, apesar de sua aparência metálica.

— Comandante Thor, apresente a nave ao príncipe — ordenou Gar.

— Certo, capitão!

O restante da comitiva dispersou-se. — Se precisar de mim, estarei em meus aposentos — avisou a embaixadora.

Starscream ajudou Tyran a conduzir Crave. O príncipe sentiu os braços fortes do comandante e um leve perfume que lembrava orvalho matinal. Seu rosto empalideceu quando Thor o segurou com firmeza. Na enfermaria, impressionou-se com a tecnologia avançada. Após tomar o comprimido para enjoo, seguiu para a engenharia, onde conheceu a tecnologia de dobra e todo o maquinário que mantinha a nave a milhões de anos luz de casa. Depois, visitaram a ponte de comando, onde o Tenente Dhotos estava no posto. Starscream apresentou os sistemas da nave e Crave, atento, fez perguntas inteligentes que impressionaram o comandante.

— O que acha de jantar comigo, alteza? Já passa do horário do jantar. — perguntou Thor de repente.

Crave ficou opaco novamente. — Ah, claro, comandante. Estou faminto.

— Então vamos até o refeitório.

Sentaram-se em uma mesa para dois, enquanto outros oficiais jantavam. A diversidade de espécies presentes fez os olhos de Crave brilharem. Thor foi até o replicador: — Dois pratos de sopa de cereais com carne de massori — prato típico de *Antares*, sua terra natal, conhecida por sua comida apimentada.

Levou os pratos até a mesa. — Obrigado, comandante.

— Pode me chamar de Thor. Aqui não somos mais primeiro oficial e príncipe, apenas dois amigos jantando.

— Certo, então me chame de Crave — sorriu levemente, levando a primeira colherada à boca.

— Combinado — assentiu Thor, também começando a refeição. — Crave, você tem grande conhecimento em naves, matemática e física. Não imaginei que um embaixador fosse tão eclético.

— Minha profissão primária é piloto. Estudei para isso, sempre foi meu sonho. Embaixador, apenas por determinação de meu pai... e príncipe por obrigação.

— Então não é o herdeiro?

— Não. Tenho um irmão mais velho, Win. O trono é dele.

— Não o vimos.

— Nem eu. Acho que não está na capital. — Crave sentiu uma pontada no peito e pousou a colher.

Thor percebeu o desconforto. — Desculpe se toquei em um assunto delicado.

— Está tudo bem. Quando parti, há quatro anos, brigamos. Ele se casou dois dias depois da minha partida... desde então, nunca mais o vi. — Um gosto amargo tomou sua boca.

— Não precisa falar sobre isso se não quiser.

— Na verdade, é bom. Eu não tenho amigos; meu irmão era o único que me escutava. Agora é passado. Sei que ele deve estar bem... e eu também não fui um bom irmão no último encontro. Foi bom desabafar.

Thor sorriu com sinceridade. — Vamos terminar o jantar e depois levo você até a sala de transporte. Amanhã teremos muito trabalho. Espero poder conversar mais em outra ocasião.

Envergonhado, Crave apenas assentiu. Terminaram a refeição e seguiram em direção a **sala**. — Não vou passar mal de novo? — perguntou o príncipe, receoso.

— Não, o remédio dura um dia inteiro — tranquilizou Thor. — Alferes, mande o príncipe de volta ao castelo.

Thor abraçou Crave no cumprimento tapriano. O príncipe retribuiu com um sorriso, feliz por ter feito um amigo. — Obrigado, Thor. Agradeça a todos e, em especial, ao capitão. Até mais ver.

— Acionar, alferes.

A luz envolveu Crave, e em instantes ele estava de volta ao palácio, desta vez sem enjoos. Caminhou até seus aposentos, ainda fascinado, como se andasse nas nuvens. Ao abrir a porta, deparou-se com o caos: seu quarto havia sido transformado em depósito, embora seus pertences ainda estivessem lá. Olhou em volta e murmurou: — Obra daquela princesa impertinente... certeza!

Tirou a roupa e foi tomar banho. A imagem de Thor veio à mente — nunca havia pensado em homens, até conhecê-lo. Mudou a água para fria. Depois, jogou tudo o que estava sobre a cama no chão e desabou de cansaço. Seus sonhos... bem, eram apenas dele.

O comunicador preso à roupa de Crave tocava incessantemente. Meio dormindo, meio acordado, ele tateava sobre a mesa de cabeceira à procura dele. Não encontrou. O som persistia, irritante. Levantou-se e se sentou na beira da cama. A roupa estava jogada no chão, perto da porta do banheiro. O quarto, abarrotado de caixas empilhadas, já não tinha mais janelas visíveis, o que fazia parecer que ainda era noite. Foi até a roupa, sem se lembrar de acender a luz. Vasculhou até encontrar o comunicador.

— Sim... o que houve? Ainda está cedo.

— Crave! Acorda, Crave, é o Dalmos! Pela aurora, você tem que ler o que está nos noticiários. Rápido! — a urgência na voz do piloto varreu de vez seu sono.

Ele pegou o tablet na sacola de viagem jogada entre as malas no canto do quarto. A conexão veio rápida, e a primeira manchete estampou-se na tela em letras gigantes: **“APÓS ENTREVISTA REVELADORA DO REI STAAD, IMPERATRIZ DE TINIUM ATACA NAVE ESTRANGEIRA NO ESPAÇO.”**

Crave arregalou os olhos. Seu pai dera diversas entrevistas na noite anterior, enquanto ele estava fora. Nas falas, o rei afirmava que a nave estrangeira era fruto de contatos diplomáticos conduzidos pelo embaixador **Craswerdth**, seu filho mais novo. Dizia ainda que, naquele momento, o príncipe estava assinando acordos de desenvolvimento tecnológico em áreas estratégicas — transporte, alimentos, computadores e armas — e que Tapra Asnaad se tornaria a sede da organização galáctica UPC naquele setor.

“Pai... o que você fez?” — pensou, sentindo o estômago revirar.

A notícia continuava: **“O príncipe herdeiro Winzemurian, em viagem com a família para a mais nova instalação da UPC, retornará esta semana com informações sobre o sistema de defesa a ser implantado na ilha de Nemis, ao norte do país.”**

— Não é possível... Win não pode estar metido nisso — murmurou, incrédulo.

Seguiu a leitura: **“Em resposta à quebra do Tratado das Cidades-Estados, a Imperatriz Vlekrook Mithbruin, de Tinium, lançou um ataque contra a nave estrangeira em órbita do planeta. Dois mísseis nucleares balísticos foram disparados esta manhã, após a audiência da tripulação no Palácio de Tinium. Segundo a Imperatriz, as ameaças veladas do capitão da nave — sob ordens do Rei Staad e de seu filho Craswerdth — foram claras para toda a nação. Ainda não há informações sobre os efeitos do ataque, nem se a nave resistiu.”**

— Pela aurora do novo dia... estão todos loucos! Preciso fazer alguma coisa! — resmungou, vestindo-se apressadamente. — Dalmos, está me ouvindo? — chamou pelo comunicador, enquanto puxava a calça.

— Estou aqui, Crave.

— Convoque toda a tripulação. Quero a *Flexan* pronta para partir em quinze minutos. E sejam discretos.

— Certo!

Crave vestiu o resto das roupas sem se importar se estavam em ordem. Nem banho tomou. Enfiou o tablet ainda ligado dentro da bolsa e deixou as malas para trás. Precisava sair despercebido. Abriu a porta com cuidado. O castelo fervilhava de movimento — impossível passar pela entrada principal. Então pensou: a cozinha! Talvez Uperya ainda estivesse lá.

Desceu as escadas, desviando de soldados com cumprimentos secos de cabeça. Atravessou corredores chegando à cozinha, onde o burburinho do desjejum enchia o ar. E lá estava ela. — Up! Up! — chamou, baixo.

Uperya franziu o cenho ao vê-lo escondido, com a mala na mão e a roupa desalinhada, mas compreendeu de imediato. Aproximou-se e o abraçou calorosamente. Crave beijou-

lhe a testa. — Ainda bem que está aqui... Aquela impertinente da esposa do meu irmão, tem te maltratado?

— Ah, meu filho, sei muito bem colocá-la no lugar. Não se preocupe. Seu irmão não deixou que ela fizesse nada comigo.

Crave respirou fundo, aliviado. *Pelo menos Win fizera algo certo.* — Meu filho — disse Uperya, séria —, eu sei o que está acontecendo. Sei que você vai atrás dos seus amigos espaciais. Seu pai... está louco. Quer usar os mísseis contra a Imperatriz. Se puder fazer algo, vá. Eu lhe dou cobertura. Há uma passagem pelos arbustos até o campo de pouso.

Os olhos de Crave se encheram de lágrimas. — É por isso que te amo, mãezinha! Nunca vou te esquecer. Obrigado por tudo... e me desculpa.

Ela segurou seu rosto. — Não chore, meu menino. Seu mundo nunca foi aqui. Seu mundo é lá, em meio às estrelas. A cada aurora de cada sol que você vir nas suas viagens, estarei junto com sua mãe, te abençoando. Agora vá... salve o que puder. Não se arrependa de nada.

— Up... entregue meu tablet para o Win. Diga que as coordenadas de comunicação da nave estão nele, caso queira me mandar uma última mensagem. Diga que o amo e que nunca quis atrapalhar sua vida.

— Ele sabe disso, Crave. Ele sabe. Vá.

Crave beijou-lhe a pele marcada e escura. O choro escorreu silencioso em seu rosto. Então desapareceu pela porta dos fundos, cruzando o gramado e os arbustos. A *Flexan* brilhava à frente, imóvel, sua lataria prateada refletindo os raios do sol de uma manhã que já ia alta. Oficiais entravam discretamente pela plataforma. Ele se recompôs como pôde e subiu a bordo, indo direto à ponte de comando. Dalmos, Venlyas, Pexon e Wenmira chegaram logo em seguida.

— Ótimo, estão todos aqui — disse Crave, já digitando coordenadas. — Pexon, acesse as câmeras dos satélites. Quero ver o que aconteceu.

— Imediatamente, Capitão.

Na tela, o espaço diante do planeta prateado parecia dilacerado. O impacto do míssil contra o núcleo de dobra espalhara destroços incandescentes, fragmentos negros girando em desordem. No centro, uma fenda pulsava em energia viva, um olho cósmico cercado por relâmpagos azulados e veios roxos que se entrelaçavam como veias em convulsão. O espetáculo refletia-se na superfície metálica do planeta, um contraste brutal entre a calma majestosa do mundo abaixo e a violência da cicatriz espacial que ameaçava devorar tudo. Nenhum sinal da *UPC Antares*.

O coração de Crave disparou. As mãos tremiam, mas a voz saiu firme: — Velocidade máxima para as coordenadas especificadas!

Dalmos olhou, incrédulo: — Alteza... isso significa cinquenta e sete anos de viagem.

Crave abriu a comunicação interna, encarando cada rosto. — Ou fazemos isso e rezamos para que Aurithia, nossa deusa suprema, nos proteja, ou morreremos tentando. Nosso povo está prestes a se destruir em uma guerra nuclear. Precisamos avisar a UPC sobre o

que aconteceu com a *Antares* antes que seja tarde. Transmitam uma mensagem de socorro constante enquanto viajamos. Talvez nos escutem antes que o tempo nos leve. Não vou obrigar ninguém a me seguir. Se alguém quiser desistir, tem que ser agora.

O silêncio da nave foi cortado por um uníssono firme: — Estamos com vossa alteza.

A nave ergueu voo. Lá embaixo, no gramado, Uperya acenava o último adeus ao filho querido. Crave viu aquela pequena figura e orou em silêncio.

— Capitão, já estamos na atmosfera. Olhe para aquilo!

A fenda era um pesadelo vivo. Nenhum sinal da *Antares*. — Venlyas, o que encontrou? — perguntou Crave.

— Nenhum corpo, nenhum detrito identificável, apenas fluxos de energia e fragmentos metálicos. Dois mísseis nucleares confirmados.

Crave soube na hora: era durânio, o metal da câmara de dobra. Thor já lhe contara como eram construídas. A *Antares* ejetara a câmara, desviando os mísseis — mas abrira a fenda que agora a engolira.

— Capitão... mensagem do seu pai — disse Wenmira, hesitante.

— Ignore. Acione os motores, Dalmos — ordenou Crave, fixo nas estrelas. — Wenmira, envie a mensagem em todos os canais: “*Atenção, UPC. Aqui é a Flexan de Argentium. Temos informações urgentes sobre a UPC Antares e sua tripulação.*”

— Vamos torcer para que nos escutem... ou será uma longa viagem — disse Dalmos.

A *Flexan* desapareceu em um clarão, engolida pelo infinito. E assim começava a verdadeira aventura de Crave — lançando-se na escuridão do espaço, guiado apenas pela esperança de salvar seu mundo.